

SABER COOPERAR

ANO IV • Nº 11 • JUL/AGO. 2013



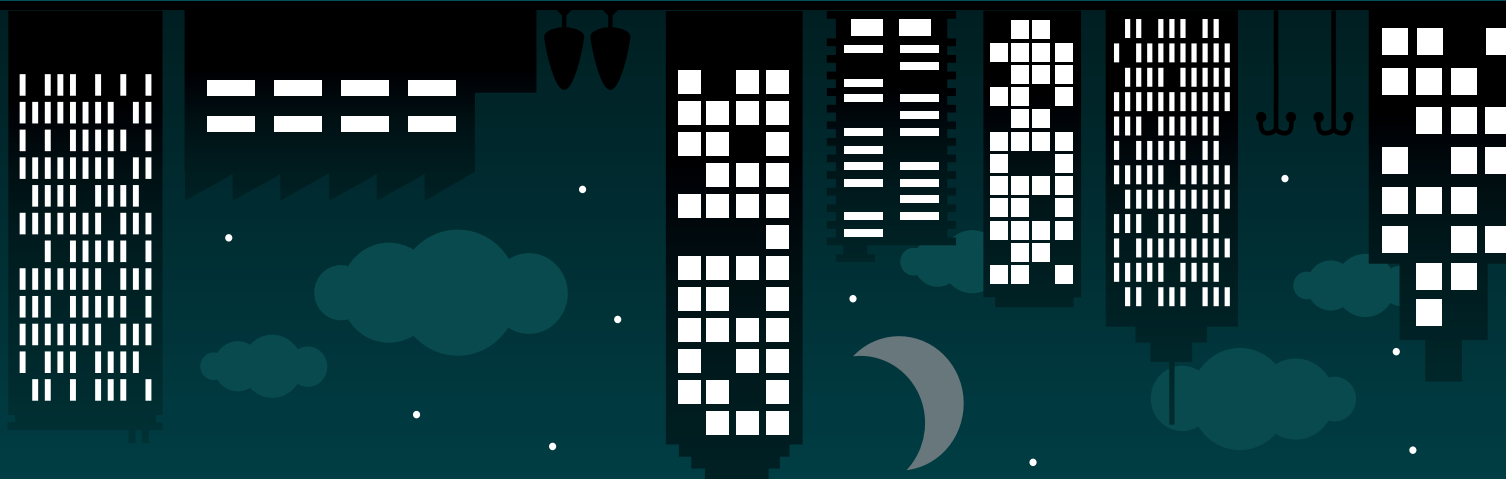
Com você



24 HORAS

por dia

O cooperativismo está presente nas vidas de 33 milhões de brasileiros, mesmo quando eles não percebem. Saiba como na página 12



ENTREVISTA

Eudes de Freitas Aquino, presidente da Unimed do Brasil, defende a desoneração tributária para as cooperativas de saúde

RESÍDUOS SÓLIDOS

Cooperativas são protagonistas em um dos projetos mais importantes em defesa do meio ambiente e da inclusão social

ESPECIAL

Como a Lei dos Portos pode ampliar a produção e a competitividade das cooperativas brasileiras

A história de um grande País se escreve com "C" de cooperativismo

14 de setembro

Dia de Cooperar 2013

Faça parte dessa rede

Seja você também um voluntário!



A sociedade se transforma com o poder da cooperação. Esse é o princípio do **Dia C – Dia de Cooperar** –, projeto lançado em Minas Gerais que agora chega a mais cinco estados brasileiros: Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Rio Grande do Norte. O objetivo é levá-lo para todo o País até 2014, aumentando o número de ações, pessoas beneficiadas e cooperativas participantes. São diversas atividades voluntárias: campanhas de vacinação, reforma de escolas, apoio a instituições beneficentes, entre outros. Tudo em favor da sociedade. O Dia C espera também por você.

CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Francisco Erisma Oliveira Albuquerque – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

João Batista Ferri de Oliveira – Titular

Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

REPRESENTANTES DA OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Vergílio Frederico Perius – Titular

Marcos Antonio Zordan – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

CONSELHO FISCAL

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrizo Primo – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

Márcio Nahas Ribeiro – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampini – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

Gilcimar Barros Pureza – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasini – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Renato Nobile – Superintendente

Gerente Geral OCB

Tânia Zanella

Gerente Geral SESCOOP

Karla Oliveira

Gerência de Comunicação

Guaira Flor

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Sayar Ferreira Nunes, Adriano Trentin

Fassine, Fernando Ripari, Guaira Flor, Juliana Gomes

de Carvalho, Renato Nobile, Karla Tadeu Duarte de

Oliveira, Maria Helena Varnier Manhães, Ryan Carlo

Rodrigues dos Santos, Rodrigo Ramthum, Samuel

Zanello Milão Filho e Tânia Zanella

Jornalista Responsável

Daniela Lemke (DRT/DF - 5112)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição

executiva, revisão e arte-final

4 Comunicação Integrada

Edição

Daniela Lemke e Guaira Flor

Fotografia

Agência Brasil, Alexandre Alves, Angela Ramos,

Arquivo Coop, Arquivo SESCOOP, Fotolia, Guilherme

Kardel, Morguefile, Rafael Ramthum, Sxc, Osmar

Bastos

Capa

Fernando Lopes

Ilustração

Fernando Lopes, Philippe Simons e Thiago Sarandi

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica e Editora Brasil



A revista Saber Cooperar é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS
Qd. 4 • Bloco T • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936



Estamos em alta

Todos os anos, aumenta o número de brasileiros ligados - de alguma maneira - ao cooperativismo. Hoje, somos mais de 33 milhões de pessoas beneficiadas, direta ou indiretamente, pelo movimento. Deste total, 11 milhões estão associadas a uma ou mais cooperativas. E tem mais! O Brasil lidera o setor na América Latina e, em algumas áreas - como Agroindústria, Crédito e Saúde -, as cooperativas brasileiras estão entre as maiores do mundo. Não é a toa que estamos cada vez mais presentes nas vidas das pessoas, embora elas nem sempre percebam. Esse, aliás, é o tema central desta edição da revista Saber Cooperar.

Nossa matéria de capa mostra como as cooperativas estão conquistando o povo brasileiro, em todos os setores da economia. Basta ir ao supermercado para ver a quantidade de produtos de cooperativas disponíveis nas gôndolas. Na hora de pegar um táxi ou transporte alternativo, novamente aparecem os nossos pinheiros - símbolos do cooperativismo. Existem, ainda, hospitais, bancos e escolas cooperativistas, espalhados pelos quatro cantos do Brasil. E o que todos eles têm em comum? O cuidado com cada indivíduo, com a comunidade e com a sustentabilidade. Porque o cooperativismo é assim: um modelo econômico justo e solidário, destinado a tornar as pessoas cada vez mais felizes.

Outro destaque desta edição é a bem-sucedida experiência de intercooperação da CoopBrasil - que reuniu sete cooperativas de consumo em torno de um único modelo de gestão. A "fusão" alavancou os negócios e deve inserir a cooperativa entre as dez maiores redes de hipermercados do Brasil, até o final do ano.

Também fomos ao Rio de Janeiro conhecer o projeto do SESCOOP local de capacitação dos catadores de resíduos sólidos, visando à inclusão social desses profissionais e à defesa do meio ambiente. A iniciativa comprova o compromisso do cooperativismo com o desenvolvimento sustentável do planeta. Mais um sinal claro de que temos condições de sermos reconhecidos internacionalmente - até 2022 - como o movimento preferido das pessoas, o mais sustentável e o que mais cresce em todo o mundo. Boa leitura!

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema OCB



12

ENTREVISTA: Eudes de Freitas Aquino, presidente da Unimed do Brasil, fala sobre a situação da saúde no País e da importância da desoneração tributária das cooperativas para atenderem melhor à população 5

CONEXÃO COOPERATIVA: opiniões sobre a doutrina cooperativista na visão de seus representantes, líderes públicos e autoridades brasileiras..... 10

◀ **CAPA:** o cooperativismo no dia a dia dos brasileiros..... 12



22

COOPERANDO: alguns ramos, como Saúde, Agropecuário e Crédito, estão entre os mais fortes e mais presentes na vida da população..... 18

◀ **NOSSO BRASIL:** além de atender à Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), cooperativas cariocas dão exemplo de inclusão social e defesa do meio ambiente 22

INOVAÇÃO: a força da Central de Cooperativas de Consumo (CoopBrasil) tem colocado as cooperativas do ramo em pé de igualdade com as grandes empresas do setor 27



30

◀ **ESPECIAL:** Lei dos Portos (Lei nº 12.815/2013) pode ampliar a competitividade e as exportações das cooperativas brasileiras 30

ACONTECE: em outubro, a XVIII Conferência Regional da ACI Américas fará a primeira avaliação, no continente latino, do Plano de Ação para a Década Cooperativa 34

FIQUE DE OLHO: dicas de livros, vídeos, publicações e eventos relacionados ao movimento cooperativista..... 36



38

◀ **BOAS PRÁTICAS:** cooperativas de bombeiros civis mostram sua força, oferecendo segurança à comunidade e melhores oportunidades aos profissionais da categoria..... 38

EM TEMPO: notas sobre os principais acontecimentos relacionados ao cooperativismo brasileiro e mundial..... 42

BEM-ESTAR: pesquisas apontam que remuneração não é mais a principal promotora da felicidade no trabalho..... 44



48

◀ **PERSONAGEM:** a história de Antônio Chavaglia, há 30 anos na presidência da Comigo, uma das maiores cooperativas agrícolas do Centro-Oeste 48

ARTIGO: o coordenador técnico-pedagógico do Curso de Formação de Conselheiros de Cooperativas de Crédito (Formacred), Inocêncio Magela, ressalta a importância dessa ferramenta para a capacitação de conselheiros 51



Menos impostos, mais saúde

Presidente da maior rede de assistência médica do Brasil defende desoneração das cooperativas como a melhor contribuição do governo à saúde nacional

Mestre e doutor em nefrologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto, Eudes de Freitas Aquino, 64, cumpre - desde março passado - seu segundo mandato como presidente de um dos maiores conglomerados de saúde do mundo. A Unimed do Brasil reúne, hoje, mais de 112 mil cooperados, agrupados em 370 cooperativas médicas, 113 hospitais e milhares de centros de atendimento. Trata-se de uma rede que alcança 83% de todo o território nacional, com quase 20 milhões de clientes - um terço de todos os usuários de planos de saúde privada do Brasil.

Médico cooperado há 31 anos, Eudes é potiguar, da cidade de Natal. Sua história no cooperativismo começou em 1982, quando ingressou como associado na Unimed de Piracicaba, interior de São Paulo. Dez anos depois, presidiria aquela cooperativa singular e iniciaria uma trajetória de importantes contribuições na condução do setor. Fundou a Federação Intrafederativa das Unimeds do Centro Paulista, depois foi diretor de Programas Educativos e Assistenciais, membro do Conselho de Administração da Federação da Unimed de São Paulo e, finalmente, diretor-presidente, entre 2005 e 2009. Em seguida, assumiu a presidência da Unimed do Brasil.



Osamar Bastos



Reeleito para mais quatro anos de mandato, Aquino tem uma ampla visão sobre a saúde no Brasil. Objetivo e sincero, diz que o modelo de atendimento público está em crise, prejudicando a pessoa que mais precisa de atenção: o paciente. Uma das possíveis soluções, segundo ele, seria apostar no modelo cooperativista, garantindo às Unimed, Uniodontos e demais cooperativas do ramo saúde o adequado tratamento tributário. “Para que possamos ajudar a desafogar a rede pública, precisamos que o governo desonere nossas operações,

pois, hoje, estamos sendo bitributados”, explica.

Saber Cooperar ▶ Como se sente ao ser reeleito para mais um mandato e o que destacaria no balanço desses últimos quatro anos?

Eudes Aquino de Freitas ▶ Foram anos bastante produtivos. Avançamos em alguns pilares mestres da gestão da Unimed, como a busca da identidade, a integração político-operacional do sistema e o desenvolvimento do cooperativismo de saúde em todo o País. Basicamente, mantivemos uma

atuação saudável da entidade na medicina privada. Tivemos dificuldades pontuais em algumas regiões, relacionadas à própria amplitude do sistema, que já alcança 83% do território nacional. Com dimensões continentais como as nossas, podemos considerá-las como menos graves, embora sempre passíveis de avaliação. A variação econômica e social difere em cada região e isso reflete nos resultados das Unimed. Mas olhando o sistema com uma visão macro, conseguimos mantê-lo bem equilibrado ao longo desses últimos quatro anos.



Osmar Bastos

REPRESENTANTE NA ACI

Eudes Freitas de Aquino é o indicado da OCB para as eleições do Conselho de Administração da Aliança Cooperativa Internacional. A eleição ocorrerá em 4 de novembro, durante a Assembleia Geral da ACI, que acontecerá na Cidade do Cabo, na África do Sul. Todos os membros da ACI votam no pleito. Atualmente, a OCB é representada por Américo Utumi, que detém uma das 23 cadeiras do Conselho desde o ano de 2003. A OCB promove a campanha de Eudes, que, caso seja eleito, representará o Brasil no Conselho até 2017. O chamado ICA Board se reúne três vezes por ano, cada vez em um continente diferente, para debater as ações da ACI.

SC ▶ Como os planos de saúde estão se comportando no cenário econômico atual?

EAF ▶ O Brasil diminuiu o seu ritmo de crescimento em função da alta inflação que está presente. Isso interferiu bastante no pensamento dos consumidores e, apesar de os planos de saúde serem a segunda principal prioridade dos brasileiros, ficando atrás somente da casa própria, algumas pessoas adiaram a aquisição do seu plano de saúde porque se sentem inseguras em relação ao futuro próximo de nossa eco-

nomia. Esse comportamento repercute hoje no resultado de qualquer atividade econômica. Não seria diferente no cooperativismo, e alguns não conseguem garantir resultados. Além disso, nós temos quase 20 milhões de clientes e, em um universo dessa ordem, o nível de satisfação nunca atinge 100%, muito embora a gente busque esse percentual. Mas estamos abertos para receber reclamações e sugestões, pois o nosso principal objetivo continuará sendo melhorar os serviços prestados à sociedade.

SC ▶ Quais as prioridades deste segundo mandato?

EAF ▶ Vamos manter como alvos a consolidação da identidade cooperativista e o fortalecimento da medicina preventiva, que já estamos implantando em algumas unidades da Unimed. Ainda são experiências piloto, mas com excelentes resultados. Este é um projeto grande, complexo, mas que, uma vez instalado, trará resultados muito importantes à população, pois tem como foco o cuidado com a saúde do paciente e não mais a doença, fomentando a qualidade



de vida dos brasileiros. Outro projeto relevante é a reconfiguração do modelo Unimed em um modelo mais dinâmico, do ponto de vista operacional. Estamos bem avançados nesse sentido, experimentando novas práticas e tecnologias de gestão. A ideia é tirar entraves burocráticos, inovar, para atender melhor nossos clientes.

SC ▶ **Não deve ser fácil manter o crescimento de um dos maiores sistemas de saúde do mundo?**

EAF ▶ Consequimos isso, creio, graças a vários fatores. Mas, sobretudo, à sólida história do sistema Unimed no País. São 45 anos consagrando essa marca e constituindo cooperativas em todas as regiões. Nesses anos, a Unimed inovou bastante a relação médico/paciente e criou hospitais próprios de alta tecnologia. Tudo isso contribuiu para mantermos uma presença quase uniforme em todo o território nacional, com a segunda maior rede de hospitais do Brasil e mais de 112 mil médicos cooperados.

SC ▶ **Vamos falar um pouco da saúde brasileira de maneira geral. Como o senhor avalia o sistema que é oferecido hoje à população?**

EAF ▶ Por ter sido objeto de pouquíssima atenção, principalmente nos últimos 20 anos, o sistema de saúde brasileiro vive, atualmente, uma situação caótica, de extrema penúria. Precisamos de uma urgente reformulação. Mas não acredito que essa reformulação passe pelo aumento do número de faculdades, até porque não há quem fiscalize a qualidade dos médicos oriundos dessas novas escolas. Tampouco se resolve com a distribuição de médicos pelos municípios. Não basta ao profissional ir para uma determinada cidade apenas pela motivação salarial. Se ele não tem as ferramentas e condições mínimas para exercer sua profissão em um padrão razoável, não consegue praticar a medicina.



Não basta ao profissional ir para uma determinada cidade apenas pela motivação salarial. Se ele não tem as ferramentas e condições mínimas para exercer sua profissão em um padrão razoável, não consegue praticar a medicina



SC ▶ **O que precisaria ser feito, então, para mudar essa situação?**

EAF ▶ É preciso discutir mais sobre saúde no País, mas não da forma unilateral que é feita hoje, como se um decreto, com entendimentos superficiais, pudesse solucionar tudo. O problema da saúde é muito maior, mais forte, intenso e dominante. É fundamental que seja discutido por toda a sociedade. É um processo demorado? Sim. Porém muito de-

mocrático, e existem pessoas habilitadas, em diferentes segmentos sociais, capazes de contribuir para que cheguemos a um modelo útil e eficiente para a população, melhorando nossos indicadores.

SC ▶ **Como, nesse cenário de crise, o cooperativismo tem contribuído para o aumento do acesso à saúde no País?**

EAF ▶ Somos o único segmento organizado, regido por lei federal, com normas próprias, transparentes, que presta bons serviços à população. Lamentável é que somos tratados pelos órgãos arrecadadores como uma empresa mercantil comum, o que não é verdade. Isso provoca outro grave entrave no desenvolvimento da saúde no País. Nós da Unimed, por exemplo, poderíamos atender muito mais pessoas, seríamos muito mais úteis à população do que efetivamente somos, se tivéssemos o devido tratamento tributário. Aliás, isso é previsto pela própria Constituição Federal, mas nunca foi praticado. Temos projetos nesse sentido e já os levamos a várias sedes governamentais. Mas não tivemos o eco que deveríamos. Porém, é preciso continuar conversando com todas as esferas de governo sobre essa questão, pressionar, ampliar a nossa atuação nesse ambiente.

SC ▶ **A questão tributária é, então, a principal bandeira do ramo Saúde hoje?**

EAF ▶ Sim. Queremos um tratamento tributário diferenciado. Temos esse direito pela contribuição que damos. É necessário que se dê o devido valor ao papel social que o segmento representa. Não adianta fazer essa verdadeira extorsão tributária e impedir, dessa forma, que a medicina privada possa promover benefícios à população. É preciso que as autoridades acordem para isso. Ao invés de nos ver como concorrentes ou como

uma empresa rica - que não somos, pois tudo que o sistema arrecada vai para o médico ou para aquisição de tecnologias -, o governo deve desonerar as cooperativas, ao menos parcialmente, para que elas invistam melhor na saúde do País.

SC ▶ Em relação aos cooperados, como está a valorização do trabalho dos profissionais que atendem à área da saúde atualmente no Brasil?

EAF ▶ Está fraca. Esses profissionais estão mal remunerados e não é por culpa deles. Eles atendem bem, são capacitados, mas, hoje, boa parte do fluxo de ingressos financeiros de uma cooperativa se destina ao pagamento de impostos. O que resta do aporte financeiro para a remuneração do trabalho médico é muito pouco. Se gasta muito também na compra de insumos hospitalares, custos de internação, cursos e absorção de tecnologia, o que acaba por onerar sobremaneira as unidades. Se resolver essa parte de tributação, conseguiremos remunerar melhor nossos cooperados, ampliar e oferecer novos serviços e, ao final, contribuir, mesmo indiretamente, com a política pública de saúde do País.

SC ▶ Nos últimos anos, as multinacionais têm se interessado muito pelo sistema de saúde brasileiro. Como a Unimed vê essa concorrência?

EAF ▶ O mercado brasileiro é o quinto maior do mundo e aqui as empresas multinacionais não pagam impostos. Então, é um excelente local para investirem. Quanto à competição, não teria receios se fossem estabelecidas regras de trabalho iguais para nativos e estrangeiros, com todos os ônus trabalhistas etc. Não dá é para ver alguns grupos conseguirem benefícios fiscais e isenções e outros não.



O crescimento está diretamente ligado à qualidade do serviço prestado e ao corpo de profissionais. [...] Se as cooperativas pagassem menos impostos, teriam mais condições de crescer e contribuir com o equilíbrio socioeconômico dos locais onde se situam



SC ▶ Mesmo assim, como é possível o ramo Saúde crescer ainda mais?

EAF ▶ Eu acho que o crescimento está diretamente ligado à qualidade do serviço prestado e ao corpo de profissionais. Volto à questão do adequado tratamento tributário. Se as cooperativas pagassem menos impostos, teriam mais condições de crescer e contribuir com o equilíbrio socioeconômico dos locais onde se situam. Outro ponto que trago de

volta é a questão da necessidade de uma ampla discussão sobre a saúde do Brasil. Precisamos debater profundamente esse tema, envolvendo a sociedade civil, o governo, entidades envolvidas com o equilíbrio do mercado, agências reguladoras etc. A saúde deve ser tratada em conversas de gente grande, adulta, e não em discussões menores, onde um fica agredindo o outro. Isso não leva a nada e o prejuízo sobra sempre para a população. É a hora de se estabelecer pontes, e não muros. Só assim conseguiremos que a saúde seja tratada como um bem comum, não como uma fonte permanente de más notícias. A minha expectativa é que cheguemos a esse acordo comum.

SC ▶ A propósito de unir esforços para melhorar a saúde no País, quais as expectativas em relação à Conferência Regional da ACI Américas?

EAF ▶ Vamos ter a presença de 27 países da América Latina e a nossa expectativa é ampliar os parâmetros do debate, não só à luz do cooperativismo, mas à luz dos reflexos desse setor na vida das pessoas. Estamos trazendo convidados internacionais importantes para envolver nas discussões, como a presidente mundial da Aliança Cooperativista Internacional, Pauline Green. Isso, com certeza, contribuirá muito para as nossas discussões. A OCB está participando ativamente, assim como a Ocesp, aqui em São Paulo, para que o evento apresente todos os temas ligados à cooperação com a maior profundidade possível. Outro ponto alto é o evento jurídico que ocorre paralelamente com esse mesmo enfoque, trazendo ao debate questões ligadas ao direito. Esperamos que seja um marco para o setor de saúde, de maneira geral. ■



VEJA MAIS NA REVISTA ELETRÔNICA



“ Não existe nada mais democrático do que o cooperativismo, que produz riqueza e a distribui de forma equânime ”

SENADOR WALDEMIR MOKA (MS)

Presidente da Frencoop, durante reunião da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, no dia 27/6.

“ Nem todos se motivam por acumular riqueza: é possível usar o lucro para beneficiar milhões de pessoas ”

MUHAMMAD YUNUS

Economista e Prêmio Nobel da Paz de 2006, durante palestra proferida no Brasil para o Movimento Empreenda, evento realizado, em maio de 2013, pela Editora Globo.

“ A era do romantismo das cooperativas já passou. Agora é a hora de unirmos profissionalismo, compromisso e intercooperação em parcerias que trazem resultados efetivos para os associados ”

ROBERTO RODRIGUES

Embaixador especial do cooperativismo mundial pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), no II Fórum dos Dirigentes Cooperativistas do Agronegócio realizado, em maio, na Chapada dos Guimarães (MT).



Angela Ramos

“As cooperativas de crédito contribuem, incontestavelmente, para o desenvolvimento econômico nacional e para o processo de inclusão financeira. É imperativo zelarmos pela viabilidade econômico-financeira dessas instituições”

ANTHERO MEIRELLES

Diretor de fiscalização do Banco Central (BC) na abertura de seminário sobre Regulação e Supervisão de Cooperativas de Crédito na América Latina e Caribe, em São Paulo.

“Comunicação, hoje, é uma ferramenta de gestão. Não adianta ter objetivos, conceitos e um bom planejamento estratégico, se isso não for compartilhado com as pessoas”

SANDRO KIRST

Professor do MBA em Gestão de Cooperativas durante o módulo de Relações Públicas e Comunicação Empresarial, em Belém (PA).

“Queremos ter a OCB como referência para o início do processo de promoção e fomento do cooperativismo no meio rural colombiano”

JOSÉ MIGUEL HERNANDEZ

Representante da Associação Colombiana de Cooperativas (Ascoop) em visita à sede do Sistema OCB em Brasília, no mês de junho.



Agência Brasil

“Pelo menos 25% dos deputados desta Casa são sócios de uma cooperativa”

GIOVANI CHERINI

Deputado federal (PDT/RS), sobre a presença do cooperativismo no legislativo brasileiro.



Mande sua contribuição para a revista Saber Cooperar. Envie um e-mail para revistadosescoop@sescoop.coop.br. Você faz parte da nossa equipe!



PRESENCÇA CONSTANTE

Nem todo mundo percebe, mas as cooperativas já fazem parte do dia a dia de pelo menos 33 milhões de brasileiros, que ficam mais felizes graças ao cooperativismo



Fotos: Guilherme Kardel

O dia começa e a professora universitária Carolina Lopes, 36 anos, se organiza para começar mais um dia de trabalho. Exatamente às 7h40, ela dá seu primeiro telefonema. Do outro lado da linha, uma voz feminina responde, com alegria: “Seja bem-vindo à Unitáxi. Disque um, se deseja um táxi para o seu endereço residencial; número dois, se deseja um táxi para o seu endereço comercial, ou três, para falar com um atendente”. Em menos de cinco minutos, estaciona em frente à sua residência o carro do taxista Alexandre Nunes,

que acabara de receber o chamado por um exclusivo sistema eletrônico do seu celular, ligado direto à internet e a um servidor da operadora.

Seu veículo era o mais próximo à localização da passageira, cujo endereço estava antecipadamente cadastrado e visível em seu GPS. O serviço é um dos diferenciais oferecidos pela Unitáxi - cooperativa brasiliense que, em vias de completar quatro anos no mercado, já reúne mais de 250 motoristas e é uma das que mais cresce em número de cooperados e de novos clientes.

Na Unitáxi há um ano, o motorista

vê no cooperativismo o modelo que melhor se encaixa na sua filosofia de trabalho. “Nessa profissão, priorizei garantir a minha própria segurança e a dos passageiros. Ao descobrir que ainda é possível trabalhar em prol da coletividade, tudo caiu como uma luva na minha consciência; afinal, a ideia do cooperativismo é promover o bem-estar de todos os envolvidos. E, nesse caso, não somos empregados, mas empresários sustentando juntos o mesmo negócio”, diz ele. No carro, que define como sendo seu “ambiente de trabalho”,



Alexandre investiu em diversos itens voltados ao conforto dos clientes, como aparelho de DVD *player*, carregadores para todos os modelos de telefones e *notebooks*, localizadores via satélite e conexão *wi-fi* grátis. Procurar agradar aos clientes para ser mais competitivo é uma orientação da cooperativa e uma preocupação de todos os cooperados, ressalta ele.

Enquanto a viagem transcorre, Carolina comenta sobre sua preferência pelo táxi cooperativo. “É a certeza de não ser atendida por um motorista “pirata”, além de ter segurança e tranquilidade. Eles nunca atrasam e com um simples toque no telefone, no momento da chamada, sabem onde me encontrar. Um tipo de atenção que, sem dúvidas, fideliza o cliente”, elogia a passageira, ela mesma uma usuária fiel de vários serviços do setor cooperativista. “Vejo que é uma tendência de todas as pessoas se fidelizarem quando sabem que, por trás de vários serviços, está uma cooperativa, um modelo mais humano de se relacionar com o mercado”, comenta ela, no confortável ar-condicionado do automóvel.



TECNOLOGIA
O taxista Alexandre Nunes
exibe o aparelho GPS que
permite localizar os clientes
da cooperativa nos endereços
pré-cadastrados

Guilherme Kardel

CUSTOS MENORES FAVORECEM MERCADO

A trajetória da Unitáxi é prova de como o cooperativismo tem potencial de aceitação pela sociedade. Ao mesmo tempo, mostra-se um modelo mais justo para os trabalhadores envolvidos na prestação dos serviços, dando-lhes autonomia pessoal, independência e condições de se de-

envolver, embora exija sempre compromisso com a qualidade. Criada em agosto de 2010, a cooperativa nasceu da necessidade de alguns taxistas utilizarem um serviço de radiotáxi eficiente, sem onerar demasiadamente os passageiros, conforme conta o presidente da entidade, Alvanis Barreto.

“A maioria das pessoas desconhece que, em Brasília, não existem empresas de táxi. Os cerca de quatro mil taxistas do DF são todos autônomos, e os que utilizam serviços de central telefônica de empresas pagam muito caro por isso. Existe muita exploração do profissional nesse meio”, reclama. Atualmente, cerca de 33% dos 3.400 taxistas regulares do Distrito Federal são cooperados, segundo dados da Subsecretaria de Transporte Público Coletivo e Individual (Sutransp), da Secretaria de Transportes do Governo do DF.

INTERCOOPERAÇÃO

Ainda antes de ingressar no mercado, a Unitáxi valeu-se do sistema cooperativista. Para implantar a sua moderna Unidade de Resposta Auditável (URA), aparelho utilizado no atendimento das chamadas dos clientes, foi fundamental o apoio de um banco de crédito cooperativo. O Sistema de



ASCENSÃO
Segundo Alvanis Barreto, presidente da Unitáxi, o cooperativismo proporcionou autonomia, independência e condições de crescimento profissional aos taxistas

Guilherme Kardel



Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) viabilizou a iniciativa e a própria existência da cooperativa ao acreditar na proposta e confiar na adimplência dos associados, parcelando a longo prazo o financiamento. “Foi uma verdadeira parceria cooperada”, comenta Barreto.

Para o presidente da Unitáxi, o passo seguinte foi procurar atrair os profissionais ao cooperativismo. A estratégia foi mostrar a eles os riscos de atuarem isoladamente, de fazerem seu próprio horário ou de pegar passageiros em qualquer esquina, convencendo-os sobre as vantagens de trabalharem unidos, em torno de uma organização bem estruturada tecnologicamente e da qual todos são donos. “Se utilizar um rádio táxi é vantajoso, trabalhar em cooperativas é ainda melhor. Afinal, aqui não objetivamos o lucro da instituição, mas contribuir para que todos os cooperados sejam remunerados de forma justa por seu esforço”, explica. É graças a isso que as cooperativas de Brasília podem oferecer descontos especiais de até 25% aos seus clientes, o que muito auxilia na preferência dos passageiros.

ATENDIMENTO HUMANIZADO

Após uma manhã de atividades e um almoço rápido, a professora Carolina Lopes chama outro veículo da Unitáxi e segue rumo à cooperativa de crédito Sicoob Judiciário, no posto do Campus da Universidade de Brasília (UnB), onde mantém conta-corrente desde 2011 - ano no qual conheceu o cooperativismo de crédito. “Depois disso, optei por trabalhar só com bancos cooperativos, nos quais tenho atendimento personalizado e me sinto muito próxima do meu gerente, coisa que não teria, com minha faixa de renda salarial, em nenhum outro lugar”, diz.

Na avaliação de Carolina, o Sicoob não perde em nada para outra instituição privada e ainda oferece vantagens extras, como taxas de juros bem menores e um presentinho especial no final

do ano, quando ocorre a redistribuição das sobras (distribuição de lucros e rendimentos aos correntistas).

O tratamento diferenciado elogiado pela professora Carolina transparece nas palavras da gerente do posto de atendimento da UnB, Flávia Sousa. Sua experiência profissional, antes de trabalhar no Sicoob, foi em bancos privados. “Em outras instituições, você não sabe nem quem é seu gerente. Aqui, não apenas estamos disponíveis para ouvir o cliente, entender sua necessidade, como também vamos até os cooperados conhecer sua realidade”, diz. Outro diferencial é quando um associado precisa de empréstimos, por exemplo, e a filosofia da instituição é encontrar uma solução adequada àquela situação específica, sem se preocupar somente em abrir linhas de crédito para gerar volume de negócios. “Oferecemos uma verdadeira consultoria financeira. Utilizando uma palavra comum a esse mercado, posso garantir que todo cliente aqui é *prime*. Apaixonei-me definitivamente pelo cooperativismo. Nem como trabalhadora, nem como cliente, volto aos bancos comuns. Nunca mais”, exalta-se.

CONTAS EM DIA

Fundado em 1991 por servidores do Superior Tribunal de Justiça (STJ), o Sicoob Judiciário atende hoje a quase 3 mil cooperados, muitos deles funcionários públicos e professores da Universidade de Brasília (UnB). “Inicialmente chamada de Credfub, a entidade financeira surgiu com o objetivo de tirar os servidores do Supremo Tribunal de Justiça (STJ) das mãos de agiotas”, relembra o gerente de Negócios, Rogério Lucena.

A estratégia atendeu tão bem às necessidades dos servidores, auxiliando-os a liquidar suas dívidas e a se reequilibrarem, que logo o número de associados e instituições afiliadas cresceu. “Agora, estamos animados com a perspectiva de que a organização, em breve, se converta em uma cooperativa de livre admissão e passe a atender a toda a comunidade”, completa Lucena. A bandeira Sicoob foi incorporada há três anos, o que permitiu ampliar rapidamente o número de postos de atendimento e caixas eletrônicos em todo o País.



DEDICAÇÃO
Para a professora Carolina Lopes, o Sicoob se destaca pelo tratamento personalizado, consultoria financeira e a redistribuição das sobras financeiras

Guilherme Kareda



MUNDO MAIS SAUDÁVEL

A noite chega e, até mesmo nesse horário, o cooperativismo se faz presente na vida da professora Carolina Lopes. Ela encerrou o dia na Feira de Cooperativas de Planaltina, cidade satélite a 42 quilômetros de Brasília, onde jovens e cooperados aprendem como a doutrina do setor está presente em muitas de suas atividades cotidianas. Entre as bancas e estandes de organizações de vários ramos,

estava a Cooperativa dos Agricultores Familiares Agroecológicos do Projeto de Assentamento Colônia I e Região (Coopafama), produtora de hortaliças orgânicas. A jovem educadora - que leciona Gestão Ambiental na UnB e sempre esteve atenta a movimentos coletivos voltados à sustentabilidade - fez questão de consumir os produtos sem agrotóxico levados pelos produtores da entidade.

“Recomendo aos amigos, e todo mundo que passa a adquirir produtos orgânicos fica satisfeito por saber que eles não fazem mal à saúde e são produzidos dentro dos mais altos padrões de qualidade”, comenta.

Com a sacola recheada de apetitosos morangos orgânicos da Coopafama, Carolina é só elogios ao cooperativismo. “O sistema econômico tradicional não favorece a ação coletiva. E é justamente nesse sentido que o cooperativismo se destaca, ao viabilizar ações coletivas inclusivas, sempre em benefício de todos”, analisa. “Seja no táxi, no banco ou fazendo a feira da semana, quero fortalecer esse modelo mais justo de distribuição de renda, no qual os trabalhadores não se sentem explorados, os consumidores são mais conscientes e felizes por se sentirem parte de um organismo maior e impera a justiça social, a honestidade e a sustentabilidade”, promete ela, já de celular em mãos para pedir novamente um táxi”.

ALIMENTO SEGURO

Constituída em 2010, no município de Padre Bernardo (GO), a 70 quilômetros da capital, a Cooperativa dos Agricultores Familiares Agroecológicos do Projeto de Assentamento Colônia I e Região (Coopafama) surgiu da união de 22 produtores de um assentamento agrário. Eles plantam, atualmente, mais de 40 variedades de hortaliças e outros vegetais, além de produzirem biscoitos, doces e guloseimas, todos feitos com frutas típicas do Cerrado e isentas de agrotóxicos.

“Depois de unidos, fomos capazes de produzir em maior escala. Hoje, atendemos a mercados de todo o DF e até escolas da rede pública, além de receber apoio de instituições importantes, como a Embrapa”, comemora o presidente da Coopafama, João Batista Ribeiro. “O cooperativismo representou a legitimação do nosso trabalho e a perspectiva de um futuro sempre melhor”.



SUSTENTABILIDADE
Na Feira de Cooperativas, Carolina conhece os alimentos livres de agrotóxicos da Coopafama

Guilherme Kardenal



“REVOLUÇÃO” NA EDUCAÇÃO

Fotolia

A 800 quilômetros da feira de Cooperativas de Planaltina, no município de Pedro Afonso, Centro-Norte do Tocantins, outras professoras, estas de nível médio, também têm suas rotinas marcadas pelo cooperativismo. Há três anos, um grupo de 25 educadores decidiu reerguer uma cooperativa prestes a fechar as portas em razão dos altos encargos tributários. A organização fora aberta por pais de alunos, mas não suportou a falta de recursos e a forma ortodoxa de administração. “Foi quando nós, professores, decidimos assumir a direção. Não podíamos deixar a escola morrer. Afinal, nossas vidas e o futuro da comunidade estavam ali”, conta Liliana Cristofari, hoje diretora pedagógica e vice-presidente da então Cooperativa de Educadores de Pedro Afonso (Coed).

A decisão foi encorajada pelos técnicos do Sescop/TO, quando o

grupo decidiu consultar a instituição sobre o empreendimento. “Logo após participarmos do Programa de Apoio à Organização do Quadro Social das Cooperativas (OQS), já nos sentimos capacitados a iniciar a primeira fase”, lembra ela. O esforço seguinte foi sensibilizar os pais a lhes passar a gestão da cooperativa e adotar os novos métodos. Assim, começaram o que ela define como “uma revolução” nos destinos da pequena escola.

Decisão importante, diz ainda, foi integrar os 150 alunos, que se dividem em turmas do Maternal ao Ensino Médio, ao Cooperjovem - programa do Sescop dedicado a ensinar a doutrina cooperativa às crianças. As professoras incluíram no novo currículo disciplinas exclusivamente voltadas a ensinar princípios solidários de convivência e crescimento e viram o movimento se fortalecer. “Devemos muito ao cooperativismo. Seria impossível avançar sem envolver também

os jovens, educando-os sobre essa modalidade mais justa de trabalho e participação”, destaca Liliana.

Outra colega professora no Tocantins vive e defende intensamente o cooperativismo no seu dia a dia. A coordenadora pedagógica da organização, Sebastiana Moraes, 33 anos, não somente leciona, como não tem dúvidas sobre a melhor formação que pode oferecer aos seus três filhos de 8, 4 e 1 ano e meio, todos alunos do Coed. A rotina da associada se divide em dois turnos: pela manhã é funcionária concursada em uma escola tradicional. À tarde, dá aulas e gerencia atividades dos docentes na cooperativa educacional. “A diferença no clima e o espírito de união entre professores e alunos nas duas instituições é impressionante. Na nossa entidade, os problemas dos professores são compartilhados e resolvidos em conjunto, o que dá rapidez e distribui responsabilidades. Somos mais que cooperados, somos irmãos”, orgulha-se. ■



AO ALCANCE DE **TODOS**



Em casa, na escola, nos hospitais ou no supermercado, o cooperativismo alimenta a economia e o desenvolvimento em todo o País

Além da professora Carolina Lopes, de Brasília, e das educadoras Liliana Cristofari e Sebastiana Moraes, de Tocantins, pelo menos outros 44 milhões de brasileiros estão, de alguma maneira, envolvidos com o movimento cooperativista. A doutrina está presente no transporte urbano, na agropecuária, no crédito financeiro, na educação, em serviços de infraestrutura, no turismo e em muitas outras atividades que, impulsionadas pelo princípio da ajuda mútua e distribuição justa de renda, sustentam economias nos mais distintos setores e lugares do País.

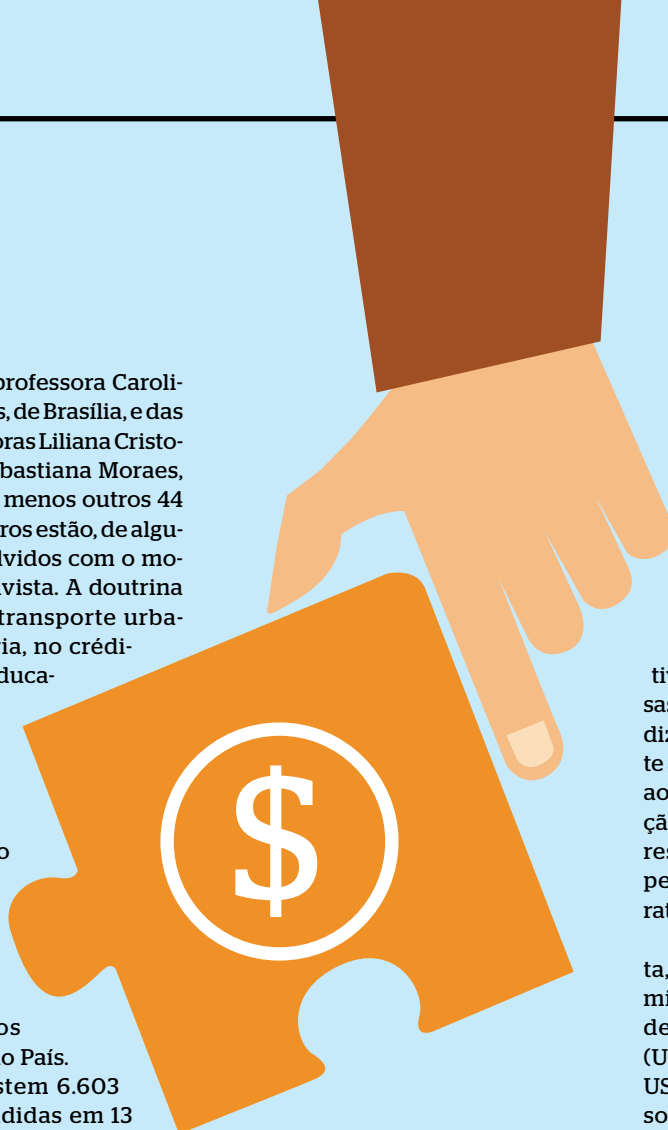
No Brasil, existem 6.603 cooperativas, divididas em 13 ramos, todos atendidos e representados institucionalmente pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), sindicalmente pela Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop), e monitorados, promovidos e capacitados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop). Em muitos desses segmentos, a economia cooperativista se destaca frente ao tradicional modelo capitalista. Nos ramos Agropecuário, Saúde e Crédito, por exemplo, as organizações se sobressaem pela solidez financeira e geração de empregos e renda e contam com o diferencial de priorizar a distribuição de recursos e de outros benefícios aos seus membros.

Segundo a OCB, os indicadores de 2012, já atualizados em julho de

2013, mostram que mais de 1 milhão de novos brasileiros tornaram-se associados a uma cooperativa, totalizando 11 milhões de cooperados em todo o País. No último ano, foram injetados R\$ 8 bilhões na economia nacional, apenas com salários e benefícios aos trabalhadores de cooperativas. Foram gerados, ainda, 321 mil empregos diretos no setor cooperativista, 7,8% a mais em relação a 2011.

A Gerente de Monitoramento e Desenvolvimento de Cooperativas do Sescoop, Susan Villela, afirma que a estimativa do Sistema OCB é chegar à marca de 12 milhões de cooperados e 353 mil empregados até 2016. “Acreditamos que essa previsão tem tudo para se concretizar, visto que obtivemos indicadores positivos nessas duas variáveis nos últimos anos”, diz. “Tais resultados mostram a forte atuação do Sistema tanto no apoio aos cooperados quanto na divulgação do movimento aos trabalhadores brasileiros que, cada vez mais, percebem as vantagens do cooperativismo”, completa.

Na visão de Davi Rogério Costa, doutor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto (FEA-RP/USP), a distribuição justa dos recursos gerados e o fato de cada membro ter o mesmo poder de voto nas decisões da organização são características da doutrina consideradas fundamentais pelos observadores da economia. “São esses os motivos que fazem as cooperativas crescerem mesmo em tempos de crise econômica. Cada vez que um ramo é regularizado no Congresso Nacional, dá-se um atestado de reconhecimento, por parte do governo, de que este é um sistema socioeconômico que merece ser valorizado”, acrescenta. O sentimento também é compartilhado pelas professoras Carolina Lopes, Liliana Cristofari e Sebastiana Moraes, na prática e no seu dia a dia. Veja como têm evoluído os ramos que elas e os outros milhões de brasileiros cooperativistas ajudam a desenvolver.





A FORÇA DO

CRÉDITO

A união de 5,5 milhões de associados - quase a metade de todos os cooperados brasileiros - fez das 1.042 cooperativas do ramo a terceira maior rede em número de agências no País, com mais de cinco mil pontos de atendimento. Com R\$ 103 bilhões em ativos - o conjunto de bens, valores, créditos, direitos e assemelhados -, as cooperativas de crédito tornaram-se uma importante ferramenta de inclusão financeira, contando com total apoio do Banco Central do Brasil (BCB). O anúncio da criação do Fundo Garantidor de Créditos das Cooperativas (FGCoop) pelo órgão regulador, em outubro de 2012, representa uma nova conquista dessa importante aliança estratégica. O FGCoop, que está em fase de regulamentação, visa a garantir créditos dos clientes das entidades do sistema e realizar operações de assistência e suporte financeiro, consolidando a atuação dessas cooperativas.

TRANSPORTE

Criado em 2002 e composto por profissionais do setor de cargas e passageiros, esse ramo já conta com mais de 146 mil associados em 1.095 cooperativas. A cada dia, os transportes autônomos buscam nas cooperativas capacitação técnica e redução dos custos - seja no transporte terrestre ou no fluvial. Esse desenvolvimento traz benefícios a outros ramos, como o Agropecuário, no escoamento da produção.

S RAMOS

AGROPECUÁRIO

Atualmente, metade de toda a produção agropecuária brasileira passa por uma cooperativa, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2012, foram seis bilhões de dólares em exportações, sendo que, juntas, oito delas responderam por valores acima de US\$ 100 milhões, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Os complexos sucroalcooleiro, de soja e de carne concentraram as vendas do cooperativismo a outros países com ganhos de US\$ 2,32 bilhões, US\$ 1,1 bilhão e US\$ 986,3 milhões, respectivamente. O ramo que responde pelo maior número de cooperativas, 1.561 ao todo, reúne 1 milhão de associados e 164 mil empregados.

EDUCACIONAL

As cooperativas educacionais atuam como uma proposta diferenciada de ensino. Podem ser compostas de três formas distintas: por professores que se organizam como profissionais autônomos; por alunos que - com o seu trabalho - contribuem para o sustento da própria escola; e por pais de alunos - que visam a educar seus filhos sob os princípios cooperativistas - respondendo pela administração da cooperativa. O ramo teve crescimento significativo nos últimos anos e conta atualmente com 299 cooperativas e mais de 60 mil cooperados. A grande vantagem desse modelo de ensino está no valor das mensalidades abaixo do mercado e a participação ativa dos pais na vida escolar de seus filhos. ■





FUTURO RECICLADO

Até agosto de 2014, todos os lixões a céu aberto das grandes cidades brasileiras devem ser extintos. Nesse processo, as cooperativas serão fundamentais para transformar o antigo catador em um novo profissional: o reciclador urbano

O Papa Francisco já estava a caminho do Brasil e, no Rio de Janeiro, Maria do Carmo Barbosa, a Carminha - ex-catadora de lixo e hoje presidente da Cooperativa Quitungo (Coopquitungo), na Vila da Penha, periferia do Rio de Janeiro - ainda não sabia que presente daria a ele. Na manhã daquele dia, 22 de julho, ela acabara de saber que seria a representante das cooperativas de catadores em um encontro com o pontífice, que ocorreria dias depois, durante a Jornada Mundial da Juventude.





Líder cooperativista, ela estava eufórica com a deferência e enxergou nela o reconhecimento da Prefeitura e da Cúria Metropolitana ao trabalho da Coopquitungo para viabilizar a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) - um dos mais ousados projetos de inclusão social e defesa do meio ambiente lançados no País. Um dos principais objetivos da PNRS é tirar do mapa, até agosto de 2014, todos os lixões a céu aberto das grandes cidades, com o apoio de cooperativas como a Coopquitungo, criada há três anos.

No encontro, Carminha representaria os mais de 1.500 catadores do Rio de Janeiro que estão sendo capacitados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do estado (Sescoop/RJ), em um convênio com a Prefeitura e a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb). A formação faz parte do Projeto de Coleta Seletiva com Inclusão Social e Produtiva dos Catadores de Materiais Recicláveis. O trabalho visa a criar e fortalecer as cooperativas como empreendimentos sociais na coleta, seleção e reciclagem do lixo urbano de toda a cidade, além de incluir socialmente e profissionalizar esses trabalhadores.

Se tinha dúvidas sobre o que ofereceria ao Santo Padre - um protocolo comum nesses casos - Carminha nunca duvidou que a cooperativa iria transformar as vidas das 29 mulheres de baixa renda que a fundaram. Afinal, a iniciativa era a chave para uma importante mudança de vida: de catadoras autônomas, elas se tornariam recicladoras de resíduos sólidos - uma profissão ambientalmente correta, honrada e capaz de melhorar a renda familiar de todas elas. "Vou mostrar que somos importantes, cidadãos dignos e que até o Papa quer saber de nosso trabalho", anunciava Carminha, uma maranhense radicada no Rio de Janeiro há 30 anos.

RECICLANDO CONSCIÊNCIAS

Instituída pela Lei nº 12.305/2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos é o resultado de 21 anos de negociações, envolvendo diversos agentes públicos e privados. Dentre os principais objetivos, está o gerenciamento dos resíduos sólidos, atribuindo responsabilidade aos geradores e apoiando organizações que desenvolvam ações relacionadas à gestão desse material. As cooperativas são vistas como fundamentais nesse processo, sendo mencionadas diversas vezes no texto final como agentes capazes de implantar a coleta seletiva.



“As cooperativas são a opção mais inteligente para viabilizar o projeto”, avalia o presidente do sistema OCB/ SESCOOP Rio, Marcos Diaz, citando que a União já previa apoio e financiamento a essas organizações ao estabelecer melhorias nas condições de trabalho, além da inclusão social e econômica dos catadores na coleta de materiais recicláveis. A lei também exige a implantação da logística reversa, estratégia que obriga as empresas a assumirem a responsabilidade pelo ciclo de produção e reaproveitamento de produtos e embalagens utilizadas. “A inspiração foi o modelo adotado na Comunidade Europeia, onde o cooperativismo já presta um serviço notável”, acrescenta Diaz, certo de que, como na Europa, a tendência é de as indústrias brasileiras preferirem apoiar essas organizações pelos resultados econômicos e sociais.

“Mostraremos que reciclamos, primeiramente, a consciência das pessoas sobre uma nova forma de atuar, buscando resultados, mas sempre



MERECIMENTO
A presidente da Coopquitungo, Maria do Carmo Barbosa, a Carminha, comemora a escolha da cooperativa como exemplo de viabilização da PNRS na 4ª Conferência Nacional de Meio Ambiente



INCLUSÃO
Padre Navarro vê a PNRS como a oportunidade para criar a Coopbenfica, cooperativa que beneficiará centenas de catadores da periferia do Rio de Janeiro

com ganhos sociais importantes”, diz, fazendo menção à filosofia cooperativista. Seu objetivo é que o Rio seja uma referência para projetos semelhantes nas demais unidades estaduais, levando a doutrina a ser mais conhecida em todo o País. “O cooperativismo é uma solução alternativa aos governos e à sociedade na administração de seus problemas, como o lixo, distribuindo renda e promovendo a justiça social”, avalia.

Citando dados do Ministério do Meio Ambiente, Diaz afirma que das 150.000 toneladas de lixo produzidas diariamente pelas cidades brasileiras, quase 60% vão para lixões e apenas 13% são reaproveitados. “Um quadro que tende a piorar, por isso é fundamental e urgente que seja adotada uma gestão eficaz, confiável”, alerta. “A responsabilidade é grande, pois o governo conta com o Sistema OCB e as cooperativas para atender aos prazos, que têm ficado exíguos”. De fato, a norma estabelece, em seu artigo 54, o segundo semestre de 2014 como da

ta limite para os lixões serem extintos, além de proibir o envio de qualquer tipo de resíduo passível de reciclagem ou reutilização aos aterros sanitários.

Nesse prazo, também devem estar concluídos os planos de reciclagem e políticas de resíduos sólidos dos estados, municípios e consórcios municipais – grupos de cidades menores que podem se reunir em torno de centrais de reciclagem. No Rio de Janeiro, estão sendo construídas seis Centrais de Reciclagem de Resíduos Sólidos (CRRS) nos bairros do Centro, Irajá, Campo Grande, Bangu, Jacarepaguá e Penha, com recursos do também parceiro Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

RECICLADORES URBANOS

Para o ex-superintendente técnico do Sescop do Rio de Janeiro, Jorge Barros – antigo coordenador do projeto e hoje consultor privado no setor – a lei deve incentivar a educação ambiental das empresas e da população,

a coleta seletiva e o manejo correto de produtos com alto potencial de contaminação. “É o trabalho das cooperativas que encerrará o ciclo de uma grande transformação cultural no País”, explica. “Podemos interferir positivamente em todas as etapas. Por isso o setor é tão estratégico”.

Barros prevê um salto no número de catadores que trabalham de maneira cooperada, estimado hoje em apenas 12% dos cerca de um milhão em atuação nas cidades brasileiras. Para ele, o número desses profissionais deve triplicar nos próximos anos. Ele destaca também que, mesmo sem infraestrutura, os catadores já respondem por 2% da coleta de resíduos na cidade do Rio de Janeiro, que hoje está em torno de 300 toneladas por mês.

Instalada na região da Vila da Penha, a cooperativa presidida por Carminha será uma das três escolhidas pelo Sescop/RJ para participar, em outubro, da 4ª Conferência Nacional de Meio Ambiente [veja box], como exemplo prático da viabilização da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) no que se refere à inclusão social. As outras são a Qualicoop, que atende aos bairros de Campo Grande e Bangu, na Zona Oeste do Rio, e a Coopbenfica, em fase de criação no bairro Benfica, na Zona Central. Elas já reúnem mais de 200 ex-catadores de lixo que, hoje, orgulham-se da profissão de recicladores urbanos.

“Com a criação da lei, o governo e muitas empresas já passaram a nos reconhecer como catadores de materiais recicláveis e não como catadores de lixo”, diz a presidente da Coopquitungo, ao lado de suas amigas e também cooperadas, Sandra Valéria e Sandra Mendonça, moradoras da comunidade desde a infância. Antes de se unirem à cooperativa, o trio recolhia lixo para empresas privadas, ganhando quase nada por isso. “Já chegamos a ter mais de 300 catadores, mas muitos saiam por vergonha ou por conta do pouco dinheiro”, relembra Carminha. Há três anos,

4ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE MEIO AMBIENTE

A implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos é o tema da 4ª Conferência Nacional de Meio Ambiente (CNMA), que acontece em Brasília entre os dias 24 a 27 de outubro de 2013. Sob o lema “Vamos cuidar do Brasil”, os debates serão estruturados em quatro eixos temáticos: Produção e Consumo Sustentáveis; Redução dos Impactos Ambientais; Geração de Trabalho, Emprego e Renda; e Educação Ambiental. A sociedade civil, governos e empresários têm participado de todo o processo ao longo deste ano, por meio de conferências municipais, regionais, estaduais, livres e uma virtual, expondo reivindicações e dividindo responsabilidades que aprimorem a política ambiental do País. O Sistema OCB conquistou assento na comissão organizadora, reafirmando a importância das cooperativas na consolidação dessa política nacional. A doutrina já envolve toda a cadeia de produção de material reciclável, desde a obtenção dos insumos gerados por cooperativas de vários ramos, como Agropecuário e Mineral, até a ponta do processo, com o apoio às organizações de coleta e reciclagem. O presidente do Sistema OCB/Sescop Rio, Marcos Diaz, considera a Conferência uma oportunidade de divulgar a doutrina cooperativista: “Vamos mostrar que somos capazes de viabilizar a administração pública em iniciativas ousadas como essa e, ao mesmo tempo, firmar bases sustentáveis e de alcance social para essa nova atividade econômica”.



REVOLUÇÃO
A meta do programa é extinguir todos os lixões a céu aberto das grandes cidades brasileiras até agosto de 2014

Rodrigo Ramfirth

com a criação da cooperativa, as coisas começaram a mudar. “Já fomos reconhecidos pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio de Janeiro (CREA-RJ) e até a Organização das Nações Unidas (ONU) nos premiou pelo que fizemos na nossa comunidade”, comemora.

Os cooperados venceram a concorrência desleal de empresas privadas e as ameaças de despejo, já que atuam em um espaço emprestado. Ao buscarem ajuda na Rede Recicla Rio - programa apoiado pela Petrobrás -, conseguiram adquirir uma prensa, um pequeno caminhão, e hoje já sonham em se mudar para um galpão de cinco mil metros quadrados que empresas como a Nestlé, Itaipava e Supervia pretendem construir em troca do trabalho da cooperativa. “A capacitação vai nos tornar parceiros de grandes grupos industriais, de muitos negócios, e, como cooperativa, poderemos beneficiar muita gente nas comunidades”, vislumbra ela, interrompendo de súbito a conversa para

resgatar a preocupação inicial da conversa: “Já sei, darei ao Papa tábuas recicladas de plástico recuperado, com a inscrição: ‘Volte sempre. O Rio estará cada vez mais limpo’”.

ENSINANDO A PESCAR

As cooperativas de reciclagem cariocas estão fazendo um belo trabalho para deixar o Rio de Janeiro mais limpo até a Copa do Mundo de 2014. E já tem muita gente pensando em abrir sua própria cooperativa. É o caso do padre João Navarro Reberte, que pretende aproveitar as discussões em torno da Política Nacional de Resíduos Sólidos para incluir socialmente centenas de catadores de lixo da região de Benfica, na Zona Central.

Segundo Reberte, muitos desses catadores estão em situação de risco, drogando-se ou vivendo nas ruas da cidade.

Há oito anos, Navarro conseguiu emprestado da Marinha, um galpão de 600 metros quadrados no bairro de Benfica, adquiriu prensa, em-

pilhadeira e hoje já tem seus 26 colaboradores trabalhando diariamente na seleção e empacotamento de resíduos sólidos para reciclagem industrial. “Graças à coleta seletiva, conseguimos garantir uma renda mensal a essas pessoas sem exploração. Hoje, todos ganham com o trabalho de todos”, conta ele.

Com o apoio do SESCOOP, padre Navarro pretende inaugurar sua cooperativa - a Coopbenfica - até o fim do ano, ampliando a capacidade de reciclagem das atuais 90 toneladas por mês, para mais de 300. O quadro de cooperados deve aumentar na mesma proporção. Algumas toneladas de alumínio estão sendo estrategicamente estocadas para custear a abertura do negócio coletivo.

Professor aposentado de Filosofia e Sociologia da PUC Rio, o pároco mantém uma agenda repleta de atividades - como diretor de escola, líder de uma capela e apresentador de um programa de rádio que vai ao ar todas as noites.

Apesar disso, diariamente visita o galpão onde opera a empilhadeira para motivar cooperados como Antônio Brás da Silva - antes sem-teto, agora ele é operador de prensa. Tudo começou há oito anos, quando Silva passou pela porta do galpão, pedindo um emprego. Desde então, o simpático reciclador garante o sustento da sua família com a coleta seletiva. A esposa, Josélia, também trabalha no local e hoje, ao lado das veteranas Maria Helena Monteiro e Sônia Silva, estão entre as mais eficientes seletoras de materiais. “As mulheres são excelentes profissionais, têm mais foco. Chegam a produzir uma tonelada por dia, bem acima da média de 200 quilos”, elogia ele.

Sobre o projeto, o trio é unânime em afirmar: “padre Navarro nos ensinou a fazer do nosso trabalho uma troca justa”. Ele, por sua vez, afirma: “eles me mostraram o caminho certo da caridade ao aprenderem a pescar em vez de receberem o peixe”. ■

O FUTURO ESTÁ NA INTERCOOPERAÇÃO



Fotolia

Cooperativas de consumo se juntam em rede de supermercados para fortalecer o ramo e criam novo conceito de relacionamento com os consumidores

Com mais de dois milhões de associados em três estados, sete cooperativas trabalham juntas na mais perfeita harmonia. Um modelo inovador de intercooperação que pode servir de modelo a muitos empreendimentos cooperativos. Com essa força, a Central de Cooperativas de Consumo (CoopBrasil) tem conseguido se colocar no mercado de igual para igual com as grandes empresas do setor, nas regiões economicamente mais ricas e competitivas do País. É a prova de que juntas, as cooperativas brasileiras podem muito mais.

Quando atuavam em separado, as sete organizações que hoje compõem a CoopBrasil (veja quadro) tinham atuação restrita às comunidades mais próximas e um leque menor de produtos. Após se unirem, elas ganharam poder de negociação com

os fornecedores, conseguiram preços mais baixos e maiores prazos de pagamento. Com isso, criaram uma marca própria, a Coop Plus, e firmaram presença em vários segmentos do comércio. A fórmula do sucesso da CoopBrasil, revela o presidente da rede e também presidente da Coop, Márcio Valle, está na troca constante de informações e experiências, capazes de gerar um ciclo virtuoso de crescimento, que só tende a evoluir com o passar dos anos.

Atualmente, o empreendimento reúne 139 lojas, que empregam quase 11 mil colaboradores. Em 2012, a movimentação financeira do grupo ultrapassou R\$ 2,4 bilhões. Para este ano, a expectativa é atingir a marca dos R\$ 3 bilhões. Tal feito alçará a CoopBrasil ao posto de sexta maior rede de supermercados do País, segundo o *ranking* da Associação Brasileira de Supermercados (Abras).

COMPROMISSO

Ao montar uma central única de gestão dos negócios, responsável por controlar todas as etapas do processo de compra e venda, as cooperativas que se uniram para formar a CoopBrasil fortaleceram-se e hoje podem competir no mercado em igualdade de condições com outros grandes estabelecimentos comerciais, explica Valle. “Fizemos uma revolução de gestão, infraestrutura, logística e funcionamento. Propusemo-nos a inovar e achamos o caminho certo”, destaca.

Presidente da cooperativa Consul - uma das integrantes da CoopBrasil - Matusalém Dias Sampaio, concorda com o gestor e complementa: a conduta comercial adotada pelo grupo prioriza os valores da doutrina cooperativista e está na base desse inovador projeto. “Criamos um diferencial no mercado ao aliar o profissionalismo da gestão à preservação da filosofia da cooperação”, comenta. “Somos organizações cidadãs na essência, o que remete a negócios sempre sustentáveis”.

Com sede em Ipatinga, a Consul já tinha conquistado seu espaço no mercado da região do Vale do Aço, nordeste de Minas Gerais. A entidade opera há 49 anos no local e hoje reúne mais de 70 mil cooperados. A integração da rede, entende seu presidente, permitiu a ampliação dos negócios, além de reforçar os laços da entidade com a doutrina cooperativista. “Estamos nos antecipando ao futuro”, aposta Sampaio.

DIFERENCIAIS

A marca Coop Plus possui uma linha de 402 produtos divididos em 90 categorias, desde material de limpeza e higiene pessoal à artigos para *pet shop*, ovos de páscoa, dentre muitos outros. Para os clientes das cooperativas filiadas, os preços são mais baixos que os do mercado. O desconto mantém o nível das vendas elevado, atrai cada vez mais cooperados e promove a sustentabilidade dos negócios e o constante aprimoramento dos benefícios concedidos aos associados.

Para não confundir o consumidor, as cooperativas integradas à rede mantiveram as marcas e bandeiras originais com as quais eles já estavam acostumados. Por isso, o diferencial da CoopBrasil está mesmo nos bastidores, por meio de uma gestão eficiente e integrada.

A experiência da CoopBrasil também mostra o potencial de renovação do ramo Consumo no cooperativismo brasileiro. Surgido no Brasil no final do século XIX, o segmento praticamente se extinguiu com a publicação do Decreto-Lei nº 406/1968, que instituiu o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Isso se deve ao fato de que, ao serem tributadas equivocadamente como um empreendimento comercial que visa ao lucro, as cooperativas de consumo deixaram de ter preços competitivos, tornando as atividades financeiramente pouco viáveis dentro do objetivo essencial dessas instituições, que é oferecer a pessoas comuns a possibilidade de adquirir produtos de qualidade a preços mais baixos.

A crise levou muitas cooperativas menores a fechar as portas. As que resistiram, tiveram nova chance a partir do surgimento da Política Nacional de Cooperativismo (Lei nº 5.764/1971), que garante o adequado tratamento tributário às cooperativas de todos os ramos, favorecendo a expansão desse modelo justo e sustentável de negócios. Esse marco legal foi resgatado pelas cooperativas ao idealizarem a CoopBrasil, segundo Valle. “A legislação nos permite atender a cooperados ou não como um supermercado comum. Mas temos uma vantagem: fazer dos consumidores membros de nossa organização, integrantes do processo. Isso faz a diferença quando pensamos em sustentabilidade”, comenta Valle.

A adesão ocorre por meio da aquisição de cotas de participação no capital da cooperativa. A diferença na relação entre os cooperados e os consumidores não associados é justamente a distribuição das sobras - valor monetário equivalente ao lucro das empresas tradicionais. Isto porque, ao final de cada exercício contábil, os cooperados recebem o retorno das sobras, uma prática comum





AS SETE PIONEIRAS

Formada em maio de 2011, a CoopBrasil é fruto da união das paulistas Coop, de Santo André; CoopBanc, de Araçatuba; Coocerqui, de Cerquilha; e Cooperica, de Jundiá; além das mineiras Consul, de Ipatinga; Cooperouro, de Ouro Preto; e, ainda, a catarinense Cooper, de Blumenau

Arquivo: Coop

no cooperativismo. Essa devolução pode ser feita em produtos ou outros ganhos, sempre proporcionais ao volume de aquisições durante o ano. “Este formato aumenta a fidelidade do cooperado à cooperativa. Afinal, os cooperados são mais que consumidores; são também donos dos estabelecimentos”, ressalta.

EDUCAÇÃO REFORÇA DOUTRINA

Além das estratégias inteligentes de relacionamento com o mercado, outro aspecto importante para a manutenção da rede cooperativista é a destinação de parte das sobras à Reserva de Assistência Técnica Educacional e Social - fundo de apoio a programas assistenciais e de capacitação de funcionários, definido pelos próprios membros em decisões colegiadas. Tal medida garante o aperfeiçoamento constante das equipes, tanto no reforço da doutrina cooperativista quanto em educação escolar e ações profissionalizantes.

Associado à Coop de Santo André (SP) há 59 anos, o microempresário Milton Ferriani, 85, frequenta diariamente a cooperativa. A confiança nesse tipo de negócio - no qual a honestidade com os consumidores é valorizada, os preços finais são justos e as sobras corretamente distribuídas -, no seu entender, é o segredo do sucesso do cooperativismo de consumo. “A Coop acaba por regular o preço de mercadorias nos supermercados tradicionais de toda a região, evitando disparates”, atesta ele, emendando o elogio: “sem dúvidas, é o melhor modelo de compras”.

De acordo com Márcio Valle, a criação da CoopBrasil é apenas a primeira de muitas etapas a serem conquistadas. Buscar estreitar os laços com outros ramos do cooperativismo, para ele, é o futuro da organização. “O ganho em escala nas negociações de produtos, equipamentos e serviços pode se aplicar a novas experiências e com cooperativas de todos os tipos”, pondera. “Vamos continuar crescendo e buscando ampliar ainda mais a intercooperação. Sem dúvida, ela é uma tendência para nosso setor”. ■



Morguefile



EXPORTAR É PRECISO

Cooperativas brasileiras apostam na Lei dos Portos para escoar a produção e ampliar ainda mais a presença do setor nas exportações

Nunca se produziu tanto no Brasil. A safra de soja, que será semeada em meados de setembro, deverá resultar em 85 milhões de toneladas no próximo ano. Além disso, o Brasil deve manter-se na liderança mundial da produção de açúcar, carne, frango, café e outros grãos. São números a ser comemorados. Mas, junto com o entusiasmo, aparece uma preocupação: falta infraestrutura para o escoamento desses e outros produtos, para dentro e fora do Brasil. Especialmente portos modernos e com capacidade logística para embarcar toda essa produção para os 136 países com os quais o Brasil - e as cooperativas brasileiras - mantêm negócios ao redor do mundo.

Dispostas a reverter esse quadro e a aproveitar ao máximo essa "superprodução", nossas cooperativas - apoiadas pelo Sistema OCB - estão atentas à nova Lei dos Portos (Lei nº 12.815, de 5 de junho de 2013). A legislação se propõe a mo-

dernizar tanto a estrutura quanto a operação dos portos brasileiros. Algumas medidas são simples, como deixá-los abertos 24 horas por dia, sete dias por semana. A ampliação da jornada promete reduzir o tempo de embarque e desembarque das cargas, reduzindo custos e ampliando a competitividade brasileira no mercado internacional.

"Não adianta ser o primeiro país do mundo a produzir açúcar, café, suco de laranja, se não tivermos condição de entregar nosso produto, com celeridade, ao comprador", explica o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. "A falta de uma infraestrutura portuária adequada no Brasil implica alta do frete dos produtos e faz a rentabilidade da produção cair em até 30%, de acordo com estudos econômicos produzidos no início deste ano. A abertura dos portos em horários mais flexíveis foi um importante passo, mas é necessário que o país evolua no problema da logística nacional".

NÚMERO

95% das exportações brasileiras acontecem por meio dos portos



OTIMIZAÇÃO PORTUÁRIA

Outra medida importante à modernização e à otimização dos portos é a expansão das atividades de cada unidade. Antes, os portos privados trabalhavam de forma muito segmentada, preferencialmente, com um único tipo de carga. Quem trabalhava com minério de ferro, por exemplo, não podia despachar grãos. E quando não havia mais minério a ser embarcado, o porto ficava ocioso. Com a nova lei, isso mudou. Concessionários agora têm a diretriz de otimizar o funcionamento dos portos, mantendo-os produtivos a maior quantidade de tempo possível, embarcando - inclusive - diferentes produções. O novo marco regulatório também cria condições para investimentos privados e parcerias na exploração da estrutura atual e na construção dos chamados terminais de uso privado (TUPs). No setor cooperativista, mais

de 1.500 organizações do ramo Agropecuário - que, somente em 2012, exportou mais de US\$ 6 bilhões - torcem pela iniciativa e pretendem entrar no negócio, investindo em novos portos. Com a medida, o governo diz que ampliará, nos próximos dois anos, a capacidade anual de movimentação de cargas no País em 105 milhões de toneladas. "É algo extraordinário para o sistema portuário e para a economia brasileira", avaliou o ministro da Secretaria de Portos, Leônidas Cristino, comemorando, no fim de junho passado, a escolha dos 50 primeiros novos empreendimentos a serem licitados. Fazem parte da lista 27 TUPs e 22 estações de transbordo de cargas, onde é feita a transferência de mercadorias de caminhões ou trens para navios (ou vice-versa), além de uma instalação destinada exclusivamente a passageiros.



Vale destacar que antes da nova Lei dos Portos, nas licitações para a concessão de serviços portuários, considerava-se apenas o valor proposto pelas empresas que disputavam a sua outorga. Com a nova legislação, passa a valer o critério de maior eficiência com menor tarifa. Ou seja, vence a licitação quem fizer a proposta de maior movimentação de carga pelo menor preço por tonelada.

ENTRAVES

Apesar das boas expectativas em relação à Lei dos Portos, existem alguns entraves a serem vencidos. A concentração das licitações no âmbito da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) e da Secretaria de Portos sinaliza muita burocracia. “O excesso de centralização pode causar filas de processos”, pondera o superintendente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (Appa), Luiz Henrique Dividino. “A Antaq e a Secretaria dos Portos são órgãos pequenos, com quadros reduzidos, e o País é continental; difícil visitar todos os portos”, critica.

Apesar do receio da burocracia, Dividino admite que a nova Lei dos Portos é um passo histórico e elogia o fato de se exigir desempenho e modernização dos concessionários, estimulando a entrada de novos investidores - dentre os quais, espera-se, muitas cooperativas.

No Paraná - estado que reúne as maiores organizações exportadoras do Brasil - já há esforços nesse sentido. Tanto que a Appa já se preparou para apoiar cooperativas interessadas em participar das licitações e estabelecer uma nova atividade portuária. Por meio do programa Porto no Campo, a entidade intensificou o contato com produtores do interior, orientando-os sobre como participar das licitações. “Não temos nada contra multinacionais ou empresas de fora, mas nosso compromisso maior é com o Paraná”, diz o superintendente da Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina.

Atualmente, algumas grandes cooperativas paranaenses possuem áreas em portos, como a Cotriguaçu e a Coamo, em Paranaguá. Elas pretendem disputar as licitações, mas - por enquanto - tentam manter seus contratos, pelo menos até o fim do ano e, assim, evitar o risco de descontinuidade dos negócios.

A promessa do governo é expedir autorizações para a construção dos primeiros terminais de uso privado até fevereiro de 2014. Também está no decreto dispositivo que prevê poderes à União para delegar aos estados ou municípios a elaboração do edital e a realização de licitação pa-

ra arrendamentos, após autorização à exploração de cada porto. “Essas promessas animam, mas, infelizmente, são apenas metas e nem sempre são cumpridas; precisamos esperar para ver”, ressalva Dividino.

Flávio Turra, gerente técnico e econômico da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), também vê nas cooperativas paranaenses entusiasmo com a iniciativa do governo e a perspectiva de modernização dos portos. A falta de investimentos ao longo dos anos acabou prejudicando muito o setor e, mais ainda, os pequenos produtores rurais. “O produtor é um tomador de preço, não um forma-



dor. Se os custos do frete aumentam, o rendimento cai, principalmente no início da cadeia produtiva. Ou seja, a fila que se vê no porto vai bem mais longe, e começa no campo”, analisa, lembrando a grave crise de escoamento ocorrida neste primeiro semestre.

Tudo começou quando alguns portos adotaram um sistema de reserva prévia dos navios, justamente para evitar o congestionamento de caminhões. À época, somente após o navio ancorar e ser nomeado no porto, era liberado o acesso de caminhões. Impossibilitados de sincronizar o envio de seus veículos com os dos navios, produtores de Goiás e Mato Grosso lançaram-se em busca de

saídas para seus estoques. “Isso resultou naquele cenário de caos e disputas”, lembra Turra. A imagem de filas quilométricas de caminhões nas rodovias de acesso aos grandes portos, como o de Santos, já ficou icônica. Os veículos ficaram dias parados, enquanto centenas de navios aguardavam no mar espaços para ancorar.

Na avaliação do gerente técnico da Ocepar, todos os estados brasileiros sofrem com a falta de infraestrutura e logística para exportações, especialmente as cooperativas do centro-oeste brasileiro, fisicamente distantes dos grandes portos brasileiros. “Elas sofrem não somente com a falta de in-

fraestrutura portuária, mas com a falta de infraestrutura das estradas e ferrovias brasileiras”, lamenta. “Justamente por isso, todo o setor está esperançoso com a nova lei. Ao retirar o gargalo portuário, o impacto será positivo em toda a cadeia de transporte, liberando também as vias de acesso até os portos”.

PROBLEMA REAL

Dentre as muitas cooperativas afetadas pelo problema da falta de infraestrutura portuária brasileira está a Coamo - maior cooperativa da América Latina em número de associados e a 20ª maior empresa brasileira de capital totalmente nacional. Seus veículos chegam a ficar 90 dias para desembarcar cargas destinadas ao exterior. Para seu presidente, José Aroldo Gallasini, a Lei dos Portos veio para ajudar. “Era preciso encontrar uma alternativa para que o aumento da produção seja uma solução e não um problema para o País”, avalia. Ele ressalta que o problema afeta também as importações de insumos como fertilizantes. “Os navios esperam de 70 a 90 dias para descarregar, trazendo prejuízo econômico e perda de competitividade perante o mercado de outros países. É preciso acelerar as obras portuárias”, diz, sugerindo a importância de também tirar do papel outros projetos de melhoria da logística, como o que redimensiona a malha ferroviária brasileira.

Atenta à possibilidade de investir na melhoria dos portos, outra grande organização do Paraná, a Cooperativa Nacional Agroindustrial (Coonagro) já mobilizou seu Comitê de Análise de Projetos e Investimentos (Capi) para avaliar com a administração de Paranaguá e Antonina eventuais oportunidades de investimentos no terminal de exportação de grãos e carnes, via contêiner. Segundo seu diretor-executivo, Daniel Dias, as cooperativas associadas estão curiosas em saber mais sobre a Lei dos Portos. O assunto já foi um dos principais temas da última reunião dos Conselhos de Administração e Fiscal da cooperativa, realizada na sede da Ocepar, em junho. ■

NOVA LEI DOS PORTOS

O QUE É? A Medida Provisória nº 595/2012, conhecida como MP dos Portos e sancionada pela presidente Dilma Rousseff como Lei nº 12.815/2013, pretende modernizar os portos brasileiros. Ela estabelece novos critérios para a exploração e arrendamento (por meio de contratos de cessão para uso) para a iniciativa privada de terminais de movimentação de carga em portos públicos. Além disso, as novas regras facilitam a instalação de novos terminais portuários privados.

OBJETIVO A intenção do governo, que encaminhou o texto ao Congresso Nacional em dezembro do ano passado, é ampliar os investimentos privados e modernizar os terminais a fim de baixar os custos de logística e melhorar as condições de competitividade da economia brasileira.

PORTOS PRIVADOS Os terminais de uso privado (TUP), localizados fora do porto organizado, deixam de ter a obrigatoriedade de movimentar somente carga própria. Cabe ao dono do terminal escolher se quer trabalhar apenas com carga de terceiros ou com carga de terceiros mais carga própria. Essa modalidade de porto, baseada no investimento da iniciativa privada, precisa de autorização mediante chamada pública, um tipo de processo seletivo que dispensa licitação.

Fonte: G1

Ivan Bueno



2012

2013

2014

2015

2016

A DÉCADA DA COOPERAÇÃO

Brasil é sede de Conferência da ACI Américas, que defende o cooperativismo como modelo de negócios ideal para os novos tempos

Transformar o cooperativismo no modelo de negócio preferido pela sociedade, por assegurar crescimento mais rápido, melhor distribuição de renda, sustentabilidade ambiental e equilíbrio social. Esse é o desafio que a Aliança Cooperativa Internacional das Américas (ACI Américas) quer dividir com líderes e autoridades do setor na América Latina, durante a XVIII Conferência Regional, que ocorrerá no Brasil entre os dias 6 e 11 de outubro deste ano. O tema central é a “Década das Cooperativas: cenários e perspectivas” e o objetivo é mostrar que, até 2020, este modelo será reconhecido como uma alternativa inteligente em gestão e desenvolvimento, no mundo dos negócios.

Será a primeira avaliação, no continente latino, das propostas do Plano de Ação para A Década Cooperativa - Visão 2020, documento aprovado durante a Assembleia Geral da ACI, em Manchester (Reino Unido), em outubro de 2012. O texto traz orientações para o crescimento e o fortalecimento do cooperativismo global nos próximos anos. Durante a conferência, as propostas serão avaliadas e convertidas em estratégias e práticas a serem adotadas pelos países latino-americanos. Nos futuros encontros da ACI mundial, os progressos e impactos dessas iniciativas serão apreciados em nível global.

PARA MELHORAR O MUNDO

O Plano de Ação para a Década Cooperativa - Visão 2020 recomenda atenção especial ao enfrentamento de alguns problemas relevantes para o Planeta. A degradação ambiental e o esgotamento de recursos, a instabilidade econômica global, as desigualdades sociais, a privação de direitos dos jovens e a falta de confiança nas organizações políticas formam um cenário ameaçador, capaz de ser revertido pelo poder do cooperativismo.

“O plano é ambicioso, mas funcionará com a colaboração de todos e com o apoio do movimento cooperativo”, avalia Pauline Green, presidente da ACI Mundial. “A hora de trabalhar arduamente para produzir resultados concretos nesse sentido é agora”. No âmbito das cooperativas, o documento sugere às organizações fomentar

CADA

permanentemente a participação dos associados, zelar pela sustentabilidade econômica, social e ambiental, além de fortalecer os quadros legais.

EXPECTATIVAS

A sede da XVIII Conferência Regional da ACI Américas será o Centro de Convenções do Hotel Sofitel Jequitimar, na praia de Guarujá, a pouco mais de uma hora de carro da capital São Paulo. No encontro, ocorrem as reuniões ordinárias do Comitê Executivo e do Conselho de Administração da ACI Américas, além de eventos paralelos, como o I Congresso Continental de Direito Cooperativo, oportunidade em que o setor discute sua jurisprudência, demandas e regulamentos.

O evento, que ocorre entre os dias 6 e 8 de outubro, é reservado especialmente aos advogados de cooperativas da América Latina, professores, estudiosos, juristas e representantes de órgãos e agências governamentais envolvidos com regulação e normatização de atividades. Participantes que tenham alguma especialização ou desenvolvam ações sintonizadas com os temas e pesquisas no campo do Direito Cooperativo também podem participar, sem qualquer custo extra. Sua pré-inscrição, no entanto, terá de ser homologada pela comissão organizadora. Mais de mil lideranças do cooperativismo mundial são esperadas na ACI Américas, dentre representantes de organizações governamentais, não governamentais, instituições públicas, universidades, cientistas, parlamentares, juristas e cooperados de vários países. Um público altamente qualificado e comprometido com os valores e os princípios da doutrina, capaz de produzir importantes debates. Participarão da cerimônia de abertura, além da presidente da ACI Mundial, Pauline Green, os presidentes da ACI Américas, Ramón Imperial Zuniga, e do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. ■

2017

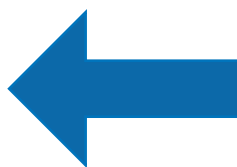
2018

2019

2020

2021

2022





WEB

Bicicletas cooperativas

Promover e incentivar a prática cooperativa sobre bicicletas. Pode parecer estranho, mas a atividade faz sucesso nos Estados Unidos e chegará, em breve, ao Brasil. A ideia do projeto Co-Cycle surgiu entre estudantes americanos que, anualmente, fazem grandes viagens sobre duas rodas e, ao longo do caminho, visitam e interagem com cooperativas e comunidades, realizando debates, eventos, oficinas e pesquisas. O objetivo é fortalecer redes regionais de cooperação, informar o público e aumentar a consciência sobre o movimento cooperativo. No projeto, que os organizadores do *blog* brasileiro www.geracaocooperacao.com.br querem trazer para o País em 2014, todos saem ganhando, tanto os participantes quanto os moradores locais, que aprendem coisas novas a respeito dessas organizações. A aventura está se transformando no documentário "To the Moon", uma introdução interessante ao mundo das cooperativas.



Assista ao trailer de "To the Moon" no site www.tothemoonfilm.com

FILMES

Dá para fazer

"Si Puo Fare" (Dá para fazer) é um curioso filme italiano, lançado no Brasil em 2011, que motiva a reflexão sobre o poder do cooperativismo em qualquer região do mundo ou nas diferentes realidades. Conta a história de um líder sindical que acaba dirigindo uma cooperativa na qual se abrigam ex-pacientes remanescentes de manicômios fechados pelo governo após mudanças na lei. Apostando, acima de tudo, na dignidade humana e na capacidade do trabalho, o protagonista Nello convence os sócios a substituírem as esmolas assistencialistas por atividades realmente produtivas, adaptando-as às capacidades de cada cooperado. Enfrenta as inevitáveis contradições humanas, mas mostra o poder da superação. O tema, tratado com humor e delicadeza, diverte e comove, mas, sobretudo, nos faz pensar sobre o valor da solidariedade e põe em xeque as idiosincrasias da nossa sociedade. Vale a pena ver.



Assista ao trailer do *Capitalismo: uma história de amor* no site www.michaelmoore.com

Capitalismo: uma história de amor

Outra opção de filme que retrata o cooperativismo e aborda, corretamente, os seus preceitos democráticos e igualitários é o documentário "Capitalismo: uma história de amor", do cineasta norte-americano Michael Moore. Ele trata os princípios cooperativistas como uma saída para os impasses criados pelo capitalismo nas sociedades modernas e em ascensão. Em 80 minutos, mostra que o sistema cooperativista resgata valores esquecidos, como liberdade e igualdade. Chegou aos cinemas do Brasil em 2010, mas foi pouco visto e não teve a mesma repercussão de "Tiros em Columbine", "Fahrenheit 11/09" e "SOS Saúde", obras anteriores do cineasta.

PRÊMIO

Bem-estar social

Cooperativas, organizações, instituições e empresas que priorizam o bem-estar da sociedade e a preservação do meio ambiente podem disputar a 14ª edição do Prêmio Responsabilidade Social da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Este ano, o tema é Educação e Cultura. Uma comissão de 16 entidades e instituições da sociedade civil gaúcha avalia os investimentos em ações sociais e confere certificados, troféus, menções especiais e diplomas.



Inscrições pelo site até 31 de julho
www.al.rs.gov.br.

CURSOS

● Gestão Cooperativa

Avaliado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) com nota máxima (5), o curso de Tecnologia em Gestão de Cooperativas, da Faculdade Novos Horizontes, em Minas Gerais, mantém abertas as inscrições para o seu segundo vestibular de 2013 até o dia 31 de julho. A carga horária é de 1.600 horas (dois anos) e as aulas acontecem, exclusivamente, às sextas-feiras e aos sábados na Unidade Santo Agostinho, em Belo Horizonte. Para mais informações, o contato é pelo telefone (31) 3293-7022 ou pelo e-mail arimar.gontijo@unihorizontes.br.

● Pós-graduação a distância

Estão abertas as inscrições para o curso a distância em Educação Corporativa, da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos) no Rio Grande do Sul. Com o crescimento da demanda, essa capacitação vem sendo procurada por profissionais de diferentes áreas, atentos às novas tendências da economia que apontam para o surgimento de muitas oportunidades no setor cooperativista. Totalmente virtual, o período do curso é de setembro a dezembro de 2014, com dez horas de aulas semanais pela *web*. Para se inscrever, acesse www.unisinos.br. Membros de cooperativas podem negociar descontos especiais e solicitar bolsas de estudo.

● Secretariado

Até 17 de julho, é possível inscrever-se no curso de Formação de Secretárias de Cooperativas, promovido pelo Sistema OCB/Sescoop de Goiás. A capacitação será realizada na Casa do Cooperativismo Goiano e terá três módulos. O primeiro trata de Redação Empresarial e Relações Institucionais, com aulas nos dias 18 e 19 de julho; o segundo abordará Inteligência Emocional (dia 14 de agosto); e o terceiro encerra o ciclo com Comunicação Assertiva, nos dias 15 e 16 de agosto. Informações pelo e-mail capacitacao@sescoopgo.coop.br ou pelo telefone (62) 3240-8909.

LIVROS

JUNTOS: OS RITUAIS, OS PRAZERES E A POLÍTICA DA COOPERAÇÃO

Sociólogo e historiador norte-americano, professor da London School of Economics, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), e da New York University,

Richard Sennett explora como podemos aprender a cooperar em culturas intensamente competitivas e egoístas como as que vivemos atualmente, mostrando não haver paradoxo nesse campo. Dividido em três partes, o livro aborda a natureza da cooperação, considerando a forma como esta pode se enfraquecer, mas também como pode ser reforçada. A supremacia da raça humana derivou do sentimento de cooperação, defende ele. Sennett adverte que devemos reaprender a arte - a definição é do autor - de cooperar, se quisermos que a nossa complexa sociedade prospere, e assegura sermos capazes disso. Ele é também romancista, músico e autor de outra famosa publicação - "O Declínio do Homem Público" (Cia. das Letras, São Paulo, 1988) - uma análise inteligente da prática política na atualidade e de alternativas gerenciais do mundo moderno.



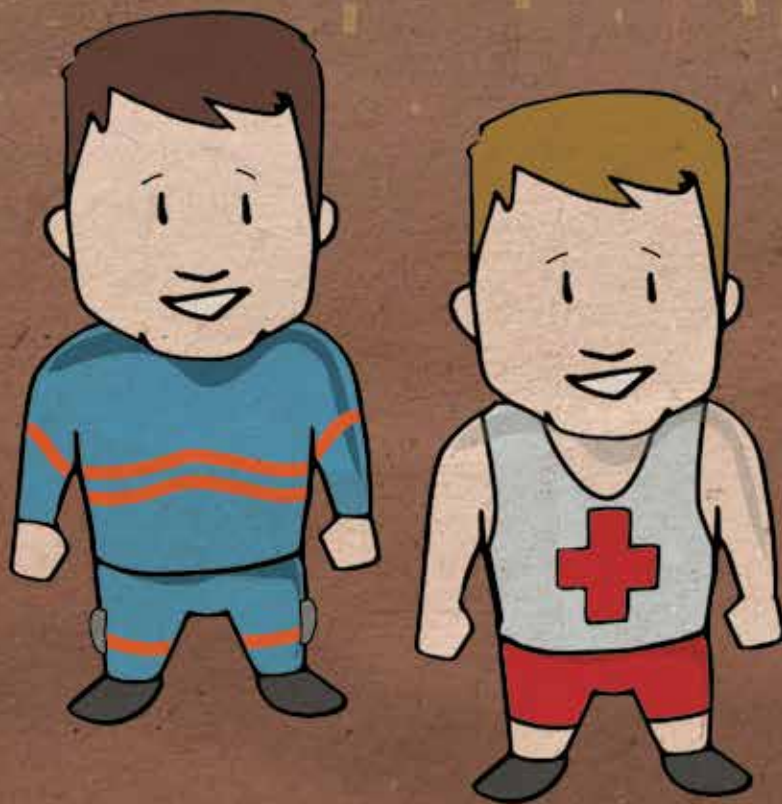
COOPERATIVISMO À LUZ DOS PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS

Com esta obra, Amélia do Carmo Sampaio apresenta o cooperativismo enquanto movimento social e econômico emancipatório e como instrumento de resgate da cidadania daqueles à margem de qualquer possibilidade de inclusão e desenvolvimento em um mundo tão globalizado. Mas aspecto especialmente importante ocorre quando a autora mostra que os princípios e valores do cooperativismo ilustram, claramente, a Constituição Brasileira de 1988. Ela ressalta, por exemplo, a identidade de objetivos entre a filosofia do setor e os artigos da Carta Magna, que tratam de justiça social, de igualdade material, da solidariedade e do conceito de dignidade da pessoa humana. Para os brasileiros atentos ao cenário político nacional, oportuníssima leitura.



HERÓIS DA VIDA REAL

Bombeiros civis se organizam em cooperativas para atender a cidades e empresas. Modelo traz segurança e tranquilidade também aos profissionais dessa nova categoria



De cada dez municípios brasileiros, apenas um possui corpo de bombeiros. Significa dizer que os moradores de pelo menos 779 cidades - nos quatro cantos do País - estão vulneráveis a tragédias provocadas pelo fogo. Os dados são do mais recente estudo do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), realizado entre 2005 e 2010 em parceria com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo (IPT). A solução para essa deficiência pode estar no cooperativismo de trabalho. Desde 2009, com a regulamentação da profissão de bombeiro civil (Lei nº 11.901), começaram a surgir no Brasil cooperativas de bombeiros civis e brigadistas. Uma alternativa eficiente para as cidades e as empresas dispostas a protegerem seus moradores e empregados dos riscos de um incêndio.

De acordo com a legislação, civis estão autorizados a atuarem na prevenção e no combate a incêndios e acidentes, desde que devidamente capacitados. Uma vez qualificados, eles passam a atuar como brigadistas ou bombeiros civis. Muitos deles têm optado por se unir em cooperativas, em busca dos inúmeros benefícios desse modelo econômico, tais como: maior poder de negociação, participação nos resultados, sustentabilidade financeira etc.

Fundada em setembro de 2012, a Cooperativa de Bombeiro Profissional Civil de Alagoas (Cooperbomb/AL) é composta por 17 bombeiros voluntários da Cruz Vermelha - organização não governamental centenária espalhada por todo o mundo. Do contato espontâneo com situações de risco, os voluntários perceberam a grande demanda na área de prevenção. Juntaram-se, especializaram-se e passaram a atender, também, às empresas nos seguintes mercados: combate a incêndios; análises de riscos em edificações; primeiros socorros; salvamento aquático e em espaços confinados; balizamento de pouso em heliportos; e acompanhamento em excursões de turismo de aventura.

“A escassez de serviços era tanta que, em menos de um ano, já tínhamos realizado mais de 160 atendimentos”, conta o presidente da cooperativa, Poliel Alves. Dentre os clientes privados, estão diversos estabelecimentos da capital, Maceió, como hotéis, casas de *shows*, empresas de eventos, teatros, campos de futebol, parques ecológicos, órgãos públicos e alguns locais bem inusitados, como os cemitérios da cidade. “Até nesses locais, a paz dos mortos e a segurança dos parentes dependem da vigilância contra riscos”, conta o cooperado.

Poliel comemora a aceitação da cooperativa pela população. “Estamos onde e quando eles precisam, sempre evitando que desastres aconteçam, preservando os patrimônios culturais e ambientais de Alagoas e, principalmente, a vida das pessoas”, diz.





AMPLIAÇÃO

Comprometidos com a entidade, os próprios cooperados tratam de fazer a divulgação da qualidade dos serviços, alimentando permanentemente o crescimento dos negócios. “Reafirmamos sempre que o sucesso depende de todos nós”, ressalva. A meta da Cooperbomb/AL é chegar ao final de 2014 atendendo, pelo menos, 40 municípios alagoanos. “O interior tem muita carência nesse campo e queremos levar o cooperativismo até lá, como solução”, finaliza. Uma das estratégias propostas para o alcance desta meta é a capacitação e a ampliação do seu quadro, hoje composto por 26 cooperados.

Os profissionais da Cooperbomb estão animados com o sucesso da cooperativa e consideram nosso modelo econômico inteligente e sustentável. “Os dirigentes sempre nos estimulam a aprimorar nossos conhecimentos e nos preparar física e tecnicamente para atendermos bem a população. O mercado está cada vez mais competitivo e estamos ganhando destaque por nos atualizarmos constantemente”, elogia a bombeira Valdilene Francisco da Silva, 29 anos.

CLIENTES SATISFEITOS

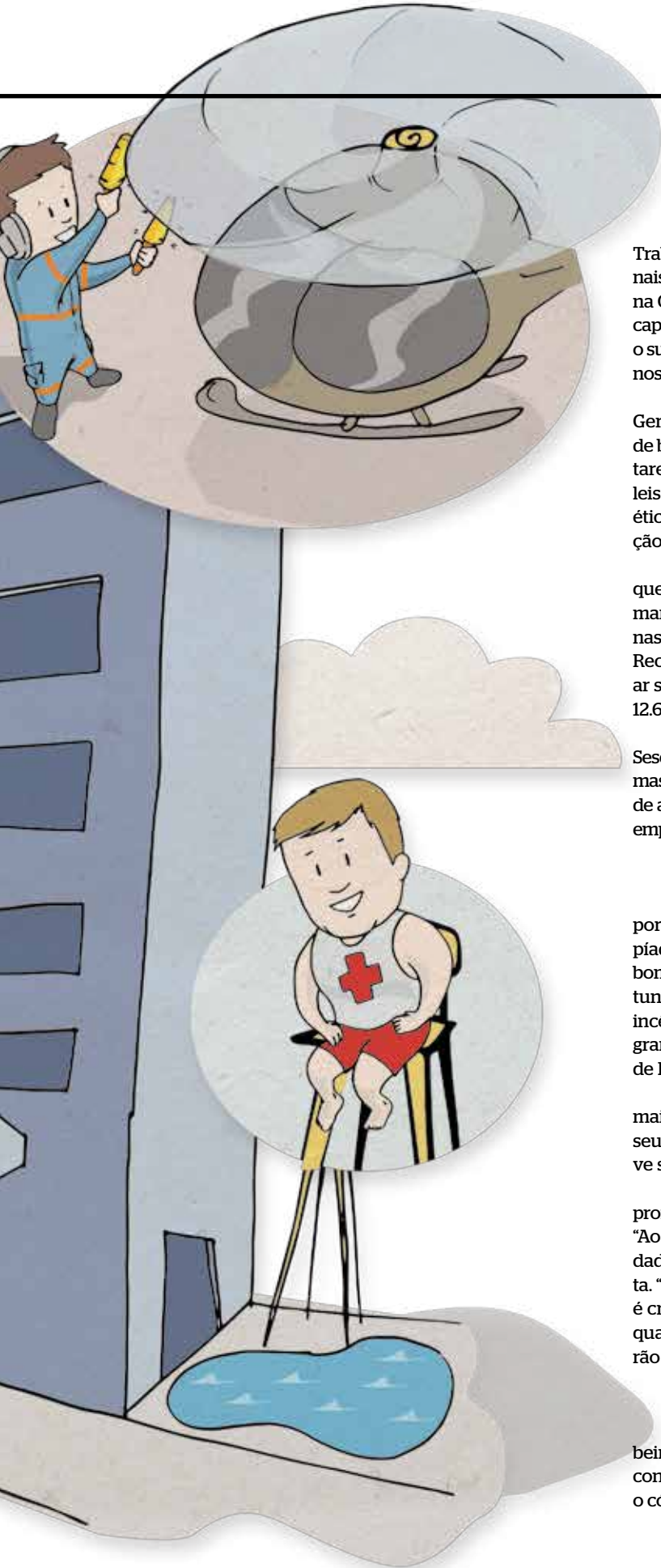
A três mil quilômetros de Maceió, a Cooperativa de Bombeiro Civil do Amapá (Cobomceap) segue o mesmo caminho. Fundada em 2009, suas brigadas de prevenção e combate a incêndios e socorristas atendem cada vez mais empresas e órgãos públicos, mas seus principais contratos são com clubes recreativos e parques aquáticos, opções de lazer favoritas dos moradores da capital, Macapá. “Somos os primeiros a prestar esse serviço no estado, evitando principalmente afogamentos”, diz Iran Brito, presidente da cooperativa, já com 39 associados.

Graças ao nível de qualificação de sua equipe, até a própria Associação dos Subtenentes e Sargentos Policiais Militares e Bombeiros Militares do Estado está entre seus clientes, bem como o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Sindicato dos Servidores Públicos em Educação no Amapá. No maior clube da cidade, a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), o presidente Max Ney Machado Andrade elogia o trabalho da Cobomceap. “Os associados sentem-se mais seguros com pessoas qualificadas de olho nas piscinas. Hoje, o número de acidentes e de ocorrências caiu para zero. Eu recomendo a todos os donos de clube a contratação de cooperativas. Elas nos dão muita tranquilidade no cuidado com a população”, atesta ele.

ÉTICA E RESPEITO À LEI

A satisfação dos clientes está diretamente ligada à preocupação da entidade com o treinamento constante de seus associados, regularmente realizado a cada semestre, comenta Iran Brito. O próximo curso de reciclagem para prevenção de acidentes em piscinas, rios e lagos está sendo articulado pelo SESCOOP e pela OCB/AP, em parceria com a Secretaria de





Trabalho e Empreendedorismo do Estado. Um dos profissionais já inscritos é Nelbdean da Costa Picanço, 32 anos, há três na Cobomceap. Orgulhoso de sua cooperativa, ele busca na capacitação ampliar ainda mais seus rendimentos. “Já ganho o suficiente para sustentar minha família, mas a cooperativa nos estimula a melhorar cada vez mais”, comenta.

Para o representante do Ramo Trabalho no Sistema OCB, Geraldo Magela da Silva, o sucesso das duas cooperativas de bombeiros civis está diretamente ligada ao fato de apostarem em um atendimento de qualidade, com respeito às leis e às normas técnicas, valorizando o conhecimento e a ética. Outro diferencial importante: buscar uma remuneração justa e adequada para seus cooperados.

“Essa é uma fórmula fadada ao êxito”, diz ele, prevendo que o setor tende a um rápido crescimento diante das demandas crescentes nos centros urbanos. Atualmente, apenas 15 cooperativas de bombeiros civis estão registradas na Receita Federal. Outro aspecto importante, ressalta, é atuar sempre em conformidade com os dispositivos da Lei nº 12.690/2012, que regulamenta as cooperativas dessa área.

Para atender à expectativa de ampliação do setor, o SESCOOP oferece vários cursos na área de gestão sobre as normas e legislações exigidas. “Conhecer mais evita a exploração de aproveitadores de plantão, preserva a oportunidade de se empreender por meio de cooperativas”, alerta ele.

GRANDES EVENTOS ANIMAM MERCADO

Nos próximos anos, o Brasil sediará grandes eventos esportivos internacionais, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Uma oportunidade e tanto para as cooperativas de bombeiros civis conquistarem o mercado. “Vejo novas oportunidades surgirem no setor aeroportuário, no combate a incêndios florestais, resgates em rodovias e em eventos de grande porte”, explica o presidente do Conselho Nacional de Bombeiros Civis (CNBC), Ivan Campos.

Segundo Campos, as cooperativas vêm sendo cada vez mais procuradas pelo mercado, devido à confiabilidade de seus profissionais e serviços. “O modelo de cooperativas deve ser copiado por mais profissionais no Brasil”, defende.

Dentre as prioridades de Ivan para 2013, está atrair os profissionais das cooperativas para se registrarem no CNBC. “Ao fazerem isso, eles obterão mais um certificado da qualidade de seus serviços para oferecer aos clientes”, argumenta. “O que se percebe hoje é que a inscrição no Conselho já é critério para algumas seleções. Ao lado da reputação de qualidade, com essa chancela, os cooperados se destacarão ainda mais no mercado”.

SERVIÇO

Saiba como se inscrever no Conselho Nacional de Bombeiros Civis no *site* www.cnb.org.br. Lá, você também encontra as normas nacionais para o exercício da profissão e o código de ética dos bombeiros civis. ■



COOPERAÇÃO

GIBI FALA SOBRE COOPERAÇÃO ENTRE ALUNOS DE SANTA CATARINA

Apresentar o cooperativismo de forma lúdica e divertida. Esse é o objetivo da Sicoob/SC Credija ao distribuir um gibi sobre cooperação para milhares de alunos das escolas Arizona (de Jacinto Machado), Alda Santos (de Sombrio) e Governador Pedro Ivo (de Santa Rosa do Sul), todas do interior de Santa Catarina. Na publicação, histórias tratam da doutrina, dos princípios e dos valores do cooperativismo. Segundo o presidente da organização, Wolni José Walter, a proposta é despertar nas crianças o sentimento da cooperação e revelar futuros sócios ou administradores do setor. A distribuição dos gibis integra o projeto Credija em Ação e é uma das realizações do Cooperjovem para fortalecer a educação cooperativista na infância.

FGCCOOP

FUNDO GARANTIDOR A PARTIR DE OUTUBRO, AFIRMA BC

O Fundo Garantidor de Crédito para Cooperativas (FGCCoop) estará disponível a partir de outubro deste ano. Foi o que garantiu a chefe do Departamento de Normas do Banco Central (BC), Paula Estar Leitão, durante Seminário Internacional sobre Regulação e Supervisão de Cooperativas de Crédito, realizado em São Paulo em junho. Até lá, o BC e o Sistema OCB tratam da elaboração do estatuto que regerá o FGCCoop. "As condições para isso já estão em estágio avançado", disse. O Fundo deverá ser constituído na forma de entidade privada sem fins lucrativos e terá como associados os bancos cooperativos e as cooperativas singulares de crédito que captam recursos de seus cooperados, informou. A criação do FGCCoop está aprovada desde outubro do ano passado, pela Resolução nº 4.150 do Conselho Monetário Nacional (CMN).

INSPIRAÇÃO

AURORA INSPIRA COOPERATIVAS DO ESPÍRITO SANTO

Um intercâmbio técnico para troca de experiências levou representantes de 11 cooperativas agropecuárias do Espírito Santo à Coopercentral Aurora Alimentos, em Guatambu (SC), organização que, hoje, é referência mundial em tecnologia de processamento de carne e um dos maiores conglomerados industriais do Brasil. Os visitantes conheceram as fábricas instaladas na cidade e as estratégias para manter seu crescimento no mercado. Em 2012, sua receita bruta chegou a R\$ 4,6 bilhões, quase 10% superior ao ano anterior. Segundo o presidente da OCB/ES, Carlos André Santos de Oliveira, a ideia é disseminar essas experiências no estado como forma de fortalecer e promover, ainda mais, o segmento agroindustrial no cooperativismo capixaba.



Mais informações no site:
www.auroraalimentos.com.br



SUSTENTÁVEL

SICOOB INVESTE R\$ 30 MILHÕES EM TECNOLOGIA SUSTENTÁVEL

O Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) investiu R\$ 30 milhões em tecnologia verde de 2010 a 2013. Os recursos foram aplicados, basicamente, na modernização de equipamentos de processamento de informações e na substituição de fontes energéticas. Com essas ações, o Sicoob reduziu 463% dos gastos com energia elétrica e 331% com alimentação de sistemas de *hardware* em todas as suas unidades. A instituição também passou a consumir menos seis milhões de quilowatts/ano e reduziu a produção de gás carbônico (CO²) para 270 toneladas/ano, o equivalente ao consumo anual de eletricidade de 274 casas e a 80 automóveis emitindo compostos na atmosfera.



INTEGRAÇÃO

CAMPUS DA UNB DE PLANALTINA EXPÕE SOBRE COOPERATIVISMO DO DF

Alunos do curso de Gestão Ambiental do *campus* de Planaltina da Universidade de Brasília (UnB) realizaram, em julho, a 3ª edição da Feira de Cooperativas. O evento apresenta o trabalho de várias cooperativas do Distrito Federal, promove a integração entre elas e é desenvolvido, desde 2010, como parte da disciplina Gestão de Cooperativas, coordenada pela professora Carolina Lopes Araújo.





o que você escolheria:

*Dinheiro **ou**
Qualidade de vida?*

Pesquisas mostram que, para os novos profissionais, harmonia no ambiente de trabalho é mais importante que altos salários

“Tenho um bom salário, logo sou feliz”. Essa lógica está cada vez mais distante das vidas dos jovens profissionais, que entram no mercado de trabalho em busca de outros tipos de recompensas. Eles querem ganhar

dinheiro? Sem dúvida. Mas valorizam muito mais a possibilidade de construir algo novo, no qual acreditem. Ter um bom chefe é outro pré-requisito à felicidade profissional, assim como sentir-se - de fato - uma parte importante da equipe.



Nos dias de hoje, a satisfação no ambiente de trabalho depende muito mais da capacidade da empresa de valorizar aspectos subjetivos de seus funcionários. A remuneração ficou em segundo plano, atrás de outros sentimentos, como poder participar efetivamente das decisões e dos rumos da organização. A percepção de ser ouvido pelos dirigentes, a possibilidade de diversificar conhecimentos, além de dispor de horários flexíveis - que permitam harmonizar o trabalho com a vida social paralela - estão entre os atrativos mais importantes, segundo a maioria dos entrevistados.

Esses foram alguns dos resultados apontados pela consultoria norte-americana Towers Waston, após entrevistar 90 mil profissionais em 18 países, no ano de 2012.

Outra pesquisa, realizada este ano pela empresa brasileira 4hunter, apontou que, para 37,5% das pessoas, a paixão pela atividade e pelo sucesso da empresa os motiva mais do que um bom salário. Ganhos elevados foram apontados como principal preocupação por apenas 19% dos entrevistados. O estudo considerou as opiniões de 508 profissionais de diferentes áreas, em cinco grandes capitais.

São dados que não surpreendem o professor e jornalista Alexandre Teixeira, autor

do livro "Felicidade S.A.", *best seller* lançado no ano passado, no qual ele faz uma profunda revisão da atual relação dos brasileiros com o trabalho. A obra se diferencia por trazer depoimentos sinceros de grandes executivos - como Abílio Diniz (do grupo Pão de Açúcar) e Sandro Bassin (da Ambev) - e análises de dirigentes que vêm revolucionando o mercado ao inovar sistemas internos de produção e serviços. "O ambiente profissional vive uma total reinvenção. A preferência por um espaço agradável e produtivo, que considere as particularidades de cada perfil funcional dos colaboradores, já é tendência nas corporações no século 21, principalmente com a chegada das novas gerações ao mercado", observa.

Segundo Teixeira, os jovens estão trazendo outras necessidades e aspirações, deixando de lado, em termos relativos, o papel do dinheiro na relação entre empregado e empregador. "São pessoas mais preocupadas em aprender no emprego, buscando atividades criativas e expansivas; uma boa convivência com os colegas é fundamental e deve ser descontraída; já o chefe precisa ser uma figura inspiradora", enumera.

Esses ingredientes, acredita, vão definir, neste século, quem sobrevive e quem morre no universo corporativo. "Organizações e empresas que insistem em rotinas pesadas, autoritarismo e centralismo nas decisões estão condenadas a desaparecer e dar lugar àquelas mais democráticas e criativas", sentencia.



Ajustar-se aos novos tempos e investir na felicidade do outro é garantir a sustentabilidade dos negócios”

ALEXANDRE TEIXEIRA

Jornalista e professor

AUTOCONHECIMENTO EMPRESARIAL

Teixeira ressalva que ainda não há receitas prontas para as empresas nestes novos tempos. Já para os profissionais, a receita é simples: buscar o autoconhecimento antes de se lançarem no mercado. Especialistas em recursos humanos sugerem que as pessoas avaliem seus objetivos profissionais, seus potenciais e o estilo de empresa onde querem trabalhar. O mesmo recado serve às corporações em busca de talentos. “Se a pessoa é criativa, gosta de autonomia, sonha em trabalhar menos de oito horas, deve buscar empresas onde a produtividade é mais vertical, priorizam a qualidade em vez da quantidade”, recomenda.

Por seu lado, as empresas devem fazer o mesmo exercício. Procurar entender melhor sua identidade, seus valores, o tipo de profissional que de fato precisa; e encontrar as formas de trabalho que mais se encaixam com as atividades desenvolvidas. Para se harmonizar pessoas físicas e pessoas jurídicas no mercado de trabalho do mundo atual, indica ele, “não se pode mais uniformizar as regras sem considerar particularidades dos setores da empresa e dos empregados”. E quando a atividade do contratante é naturalmente repetitiva e exige menos criatividade, deve-se focar nos aspectos pessoais externos dos seus empregados, promovendo a recreação conjunta, estimulando o convívio familiar e criando bônus e ações motivacionais, indica Teixeira.

E isso é feito pela Geekie, empresa paulista especializada em desenvolver plataformas para educação, fundada por Claudio Sasaki após abandonar uma rica e promissora carreira como banqueiro no Brasil e no exterior. Durante dez anos, ele foi dirigente de várias instituições financeiras, como Credit Suisse e Goldman Sachs, em Nova York, onde chegou a vice-presidente, mas decidiu mudar de rumo e montar sua própria empresa, porém em uma área bem diferente. A *start up* que inaugurou há quatro anos desenvolve projetos de aprendizado adaptativo, usando tecnologias para personalizar o ensino de cada aluno. “Ensinamos, antes de tudo, às pessoas a desenvolverem todo o seu potencial, o que lhes garante satisfação e resultados na área que decidiu atuar”, explica ele.

Esse mesmo conceito Sasaki adotou na sua empresa, hoje com 18 funcionários, apenas, mas, como ressalva ele, capazes de realizar tarefas de centenas, graças ao seu empenho na “causa” empresarial. Todos têm plena liberdade para trabalhar em horários próprios, vestir-se como lhes convém, mas têm de dar resultados, que são avaliados em consenso pela própria equipe. No portal da empresa, os depoimentos dos colaboradores convergem para a imensa satisfação de trabalharem juntos. “Sempre estive de olho na área de educação, conta ele, que chegou a fazer MBA e mestrado na área em Stanford, na Califórnia, enquanto analisava e decidia o destino de milhões de dólares como executivo do setor financeiro,



Divulgação

tarefas tradicionalmente estressantes, embora rentáveis. “Um dia decidi fazer o que realmente queria e buscar meu antigo sonho de cuidar da formação das pessoas, criando sistemas de impacto e em grande escala”, conta ele sobre a Geekie, hoje dona de invejável carteira de grandes clientes. “E é isso que hoje me move, além de ter me dado uma vida mais equilibrada e completa”, encerra.

INFELICIDADE CUSTA CARO

Números curiosos são apresentados no livro “Felicidade S.A.”. Segundo apurou seu autor, a insatisfação profissional é um dos principais fatores da infelicidade pessoal, quadro que movimentou mundialmente, por ano, US\$ 1 bilhão em compras de livros de autoajuda e US\$ 17 bilhões na aquisição de antidepressivos. E quando a falta de motivação atinge os bolsos de empresários, os números também são alarmantes. Ao citar uma pesquisa da Gallup Consulting, o jornalista mostra que, nos Estados Unidos, a inapetência funcional causa uma perda anual de US\$ 300 bilhões pela baixa produtividade. No Brasil, esse valor chega a US\$ 48 bilhões, sem somar outros fatores responsáveis por desperdícios, como a alta rotatividade e os custos do permanente recrutamento de pessoas. “Ajustar-se aos novos tempos e investir na felicidade do outro é garantir a sustentabilidade dos negócios. Nesse novo cenário, todos ganham”, recomenda ele.

HARMONIA ENTRE GERAÇÕES

Essa é a mesma visão de outra pesquisadora das relações de trabalho nos dias atuais. A professora Ana Cristina Limongi-França, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), especialista em programas de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), diz que as corporações também têm enfrentado um desafio curioso para se adaptar aos novos tempos e promover o bem-estar de seus quadros laborais. A questão, segundo ela, é: como harmonizar as diferenças de idades entre os empregados, considerando os distintos perfis de cada geração e como cada uma se sente feliz? Conseguir a chamada “harmonia intergeracional” é fundamental para a sustentabilidade empresarial, segundo ela. E o primeiro passo é entender algumas características de cada geração, selecionadas por pesquisadores europeus em três diferentes categorias: a dos veteranos, os baby boomers e as gerações X e Y. Segundo esse critério, os primeiros, que nasceram no período das grandes guerras mundiais, foram educados para a disciplina rígida, a hierarquia, a subserviência e o respeito incondicionais. Os segundos são os nascidos entre 1945 e 1960 e viveram a fase de engajamento contra ditaduras e governos centralizadores. Antes libertinos e libertários, acabaram, entretanto, apegados a conquistas materiais e patrimoniais como símbolos de status.

A geração seguinte reúne os nascidos entre 1961 e 1980. Em geral são céticos quanto à política, preferem a informalidade no trabalho e buscam o equilíbrio entre as tarefas e a qualidade de vida. Já os jovens “Y”, nascidos entre 1981 e 1999, valorizam o trabalho, desde que não prejudique seu lazer; têm consciência ecológica e espírito voluntário, engajam-se facilmente em movimentos de protesto, são informais e imediatistas e dependem essencialmente das novas mídias e novas tecnologias. “Reunir esses diferentes perfis em torno de objetivos comuns não é tarefa fácil”, admite Limongi-França. Mas alocá-los na empresa respeitando suas características, as convicções sobre o que lhes faz felizes e treinar todos para conciliar suas diferenças, diz ela, traz motivação e, em consequência, produtividade como resultado final. “É possível mostrar que cada geração tem uma contribuição importante a dar ao grupo”, assegura ela, que, a cada ano, vê crescer o número de empresas interessadas em seus cursos e palestras, nas quais mostra que o escritório pode ser um lugar feliz. ■



ANTÔNIO CHAVAGLIA

Incansável sonhador, o presidente da Comigo relembra os tempos pioneiros da conquista do Centro-Oeste brasileiro

“**M**inha história no cooperativismo não é diferente da de qualquer outro sócio”. É assim, modesto, que o presidente da Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano (Comigo) começou a contar sua longa trajetória no nosso movimento. O tom coincide com as definições comumente associadas a ele: reservado, exigente e, sobretudo, incansável. Esse é Antônio Chavaglia, agricultor, 67 anos, há 30 à frente de uma das maiores cooperativas agrícolas do Centro-Oeste.

Definindo-se apenas como um produtor rural que, por acaso, é presidente da Comigo, a história do “doutor Chavaglia”, como costuma ser

chamado pelos seus cooperados e amigos, confunde-se com a da própria cooperativa. Nascido no interior de São Paulo, na pequena Aramina, cidade de 10 mil habitantes na divisa do estado com Minas Gerais, quinto filho de sete irmãos, aos 16 anos já apresentava duas características de personalidade que o acompanhariam por toda a vida: responsabilidade e foco no trabalho.

Com essa filosofia em mente, começou na agricultura como meeiro (trabalhador que arrenda a propriedade de outra pessoa e divide os lucros da produção com o dono) plantando arroz e milho em terras pertencentes à avó. “O sangue italiano não deixou a sociedade durar muito”, brinca, referindo-se ao temperamento forte. Logo depois, decidiu arriscar-se.

Arrumou as malas e, em 1968, partiu para o então inóspito Centro-Oeste. Em Rio Verde, Goiás, fincou sua enxada, apostando na produção de algodão quando muitos diziam que o cultivo não era propício na região.

Alguns anos depois, nova ousadia: trazer soja para o cerrado. “Nem no Mato Grosso essa cultura estava consolidada. Você imagina como era chegar ao banco e pedir financiamento para um produto novo, em um lugar sem tradição na agricultura?”, relembra. “Naquela época era mais fácil ir a Goiânia do que tentar uma ligação telefônica. Não existia nenhuma infraestrutura de apoio ao produtor. Tem gente que aprende na faculdade, outros aprendem apanhando, tentando fazer. Este era o nosso caso”, orgulha-se.



Alexandre Alves

Nesse cenário, o cooperativismo surgia como a salvação da lavoura para dezenas de agricultores. Em 1974, o arroz e o milho eram os principais plantios do interior goiano e havia muitos problemas, como a falta de locais para secagem, armazenagem e escoamento dos grãos, além da dependência de atravessadores. Na época, Chavaglia percebeu na dificuldade de encontrar produtos agrícolas a preços acessíveis uma oportunidade. Então, decidiu abrir uma pequena loja. Daí para a criação da Comigo foi um pulo. “Quando a ideia de montar uma cooperativa foi ganhando forma, fomos conhecer iniciativas de sucesso em outros estados, vimos como fazer e, em 1975, vendi a empresa e me tornei um dos sócios fundadores da Comigo”, rememora.

RÉDEA FIRME

Passados 38 anos, a Comigo já atende a 4.200 cooperados espalhados por 12 municípios goianos. Uma referência no ramo Agrícola, com patrimônio de quase R\$ 2 bilhões. Além disso, é uma

das poucas cooperativas brasileiras a reunir um complexo industrial com infraestrutura tão completa: centro tecnológico, lojas agropecuárias, fazendas florestais e armazéns próprios. Realizações conquistadas sob a rédea firme de Chavaglia, admitem seus colaboradores. “As pessoas dizem que sou bravo, mas não é bem isso. Sou democrático, ponho em discussão o que precisa ser debatido. Porém, me convença que estou errado e acato sua ideia. Não aceito é que falem bobagem”, justifica-se, com senso de humor. “Quero deixar claro, no entanto, que o êxito da Comigo vem do esforço de cada um dos associados e colaboradores, e não de uma pessoa apenas”.

Chavaglia é também o atual presidente do Sicoob Credi-Rural e ex-presidente da OCB-GO. Em 2003, foi o líder cooperativista mais votado do Brasil pelos leitores do jornal Gazeta Mercantil, então maior veículo de economia. “Quando me perguntam o segredo do sucesso, digo: é preciso trabalhar 48 horas por dia. Quero dizer, na hora que não estiver trabalhando, é preciso planejar

os próximos passos. Existem diversas maneiras de construir a vida. A minha foi aos poucos, mas com muita garra. É essencial também ter visão, informar-se, antecipar-se”, aconselha.

O olhar atento ao futuro ficou comprovado durante esta entrevista. Enquanto conversava com a Saber Cooperar, em seu escritório, na sede da Comigo, um placar eletrônico na parede apontava, em tempo real, o movimento das bolsas de valores e mercadorias mais importantes do mundo. De tempos em tempos, o piscar incessante da tela repleta de números capturava o olhar deste incansável cooperativista. “Tenho tudo que preciso, dois filhos e três netos maravilhosos, mas o diabo da cabeça não para de pensar; mal conquisto um projeto, já penso no próximo”, diverte-se, acrescentando, com um forte sotaque goiano: “quando minha mulher questiona se não é hora de me aposentar, respondo que no dia que eu parar de sonhar com novos projetos, ela pode encomendar meu velório e me enterrar”, emenda, com um riso solto. ■



Formacred, uma ferramenta para potencializar conselhos



Inocência Geraldo Magela


é graduado em Filosofia e Pedagogia e pós-graduado em Agente de Desenvolvimento em Cooperativas. Atua, há 14 anos, como consultor do Sicoob, capacitando e orientando gestores do ramo Crédito. É coordenador técnico-pedagógico da Formação de Conselheiros de Cooperativas de Crédito (Formacred), promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop).



Em sua edição de 27 de março passado, a revista Exame tratou do tema governança. Chamou-nos a atenção a manchete enunciada: “Falta bagagem nos conselhos de administração”. A publicação menciona uma pesquisa cujo resultado mostra que, em muitos casos, os ocupantes desses cargos não estão totalmente preparados, seja em companhias de capital aberto ou fechado. A revista não faz referência aos conselhos de administração – tampouco aos fiscais – de cooperativas de crédito. Mas sabemos da importância tanto do conselho fiscal, na condição de guardião da vontade de assemblear, quanto do conselho de administração, como o timoneiro dos caminhos estratégicos que as cooperativas de crédito devem percorrer para chegar a portos seguros.

A esses conselhos são atribuídas responsabilidades pelos êxitos e insucessos de uma cooperativa de crédito. É insuficiente não incorrer em deslizos, prejuízos e fraudes. Cabe a eles potencializar a instituição e colocá-la em instâncias de desenvolvimento e prosperidade, enquanto solução econômico-financeira e social para seus cooperados.

Diante de tal responsabilidade, é necessário cuidar de duas dimensões relativas ao conselho de administração e ao conselho fiscal. A primeira refere-se ao desenvolvimento da visão, ao exercício da missão e à geração de estratégias que possibilitem que às cooperativas naveguem, com tranquilidade, nos mares do mercado financeiro. A segunda consiste em desenvolver competências

 O Formacred,
apresentado a 41
conselheiros de 26
unidades da federação,
obteve índices
excelentes de validação
sobre seus conteúdos e
métodos didáticos no
exercício do processo de
ensino-aprendizagem ”

de políticas, de liderança e a compreensão do ambiente da organização, para o enfrentamento de um mercado competitivo e para o uso de tecnologias atuais, que agregam valor aos resultados pretendidos.

O Formacred - Curso de Formação de Conselheiros de Cooperativas de Crédito - surgiu como solução de capacitação e desenvolvimento do

público-alvo, em âmbito nacional. Ele foi concebido, estruturado e desenvolvido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), sob coordenação da Gerência de Formação (Gefor). A instituição contratou por meio de processo licitatório a empresa de consultoria Dialética Fenômenos Organizacionais, com tradição na educação cooperativista e no ramo Crédito, tendo sido representada pelos seus consultores Inocência Magela de Oliveira, Antônio Augusto de Castro e Euder Antônio Lopes.

O Formacred, apresentado a 41 conselheiros de 26 unidades da federação, obteve índices excelentes de validação sobre seus conteúdos e métodos didáticos no exercício do processo de ensino-aprendizagem. Seis meses após a conclusão do curso, realizou-se um seminário de avaliação qualitativa e de aplicabilidade, considerando-o um trabalho de excelência.

O curso não foi gestado em laboratórios ou academias, indo de encontro às necessidades reais identificadas na capacitação de conselheiros, a partir da *expertise* de seus autores e realizadores. Antes mesmo da formatação do Formacred, o Comitê Especializado do Ramo Crédito (CERC) do Sescoop, composto por personalidades de diferentes regiões do País, foi consultado e pôde opinar sobre os diferentes temas que seriam posteriormente abordados em sala de aula.

Além disso, o Formacred sustenta-se em uma base triangular: a abordagem comportamental, a abordagem legal e a abordagem organizacional.

Esse embasamento dá ao processo estrutura e caráter sistêmicos, tão necessários à formação e ao desenvolvimento de líderes cooperativistas ocupantes de funções estratégicas, como é o caso dos conselheiros.

A abordagem comportamental contempla vivências e conteúdos conectados à realidade organizacional das cooperativas de crédito, assim como experiências obtidas pelos conselhos de administração e fiscal. O tema vai desde o trabalho em equipes aos papéis nelas existentes. Ainda a respeito dessas atribuições, são tratadas as seguintes temáticas: competências na gestão, legitimidade da liderança, ética e poder, efetividade na comunicação e apresentações em público. Em se tratando de comportamento, as mensagens emitidas nessa abordagem são favoráveis a toda e qualquer pessoa, mas aqui são endereçadas à atuação dos conselheiros de administração e fiscais, no contexto das suas organizações. Estas proposições apresentam-se, sobretudo, quando debatidas em grupos ou plenário, oferecendo oportunidades de expressão individual e audição grupal.

Por sua vez, a abordagem legal explicita a distinção entre cooperação e cooperativismo e trabalha as bases legais definidas pela Lei nº 5.764/1971 e Lei Complementar nº 130/2009, além da Resolução nº 3.859/2010. Tais marcos legais possibilitam aos conselheiros a consciência de suas respectivas funções e responsabilidades, assim como as penalidades previstas em caso de descumprimento. Além disso, ter consciência



Arquivo: Siscoop

clara das implicações legais do ato e do fato de ser conselheiro traz segurança e tranquilidade para aqueles que se circunsciam no território da legalidade.

Já a abordagem organizacional percorre os caminhos críticos da operação de uma cooperativa de crédito e posiciona os conselheiros no seu espaço, na sua prática e na vivência. Trata, basicamente, de funções estratégicas, da gestão de pessoas, dos controles internos, da análise financeira, dos demonstrativos contábeis e das boas práticas em assembleias. Quanto ao conselho fiscal, coloca seus membros diante de compromissos como agente fiscalizador dos controles internos, da análise financeira, dos demonstrativos contábeis, dos indicadores de desempenho, questões que são instrumentos essenciais para o exercício dos conselheiros, cada qual em sua especificidade.

A experiência tem mostrado que o Formacred tem impacto direto e imediato no comportamento dos conselheiros por meio de uma linguagem acessível e compreensiva, permitindo, durante os cursos a integração, a coesão e um forte sentimento de identidade, gerando uma rede física de contatos alicerçados pela confiança. Esta é a mais desejada ambiência à cultura e ao contingente de lideranças de um ramo cooperativista. ■



O Sistema OCB representa o movimento cooperativista no Brasil, impulsiona a competitividade e o desenvolvimento do setor e articula-se politicamente com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em Brasília. Filiar-se à OCB é garantia de mais representatividade nacional e acesso a serviços estratégicos para as cooperativas, como consultoria jurídica, apoio contábil e assessoria tributária.

Procure a OCB do seu estado para saber como sua cooperativa pode fazer parte desse sistema.



SistemaOCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP

Prêmio Excelência de Gestão:

recorde de inscrições e vitória do cooperativismo



O **Prêmio Excelência em Gestão** é uma grande oportunidade para que cooperativas de todo o Brasil mostrem seu trabalho e ganhem reconhecimento nacional. Este ano, o Prêmio bateu recorde de inscrições, com mais de 300 participantes. Um sinal de que o cooperativismo brasileiro está no caminho certo, buscando mais profissionalização na gestão e sucesso para todos.

Conheça mais sobre o Sistema OCB. Acesse www.brasilcooperativo.coop.br

Prêmio
**Excelência
Gestão**



SistemaOCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP